



# VOZ OPERÁRIA

Nº 407 — RIO DE JANEIRO, 23 DE MARÇO DE 1957

Quando se comemora o 35º aniversário do partido de vanguarda da classe operária brasileira, para ele se voltam os pensamentos e a esperança de centenas de milhares de trabalhadores e homens do povo.

Apesar das brutais perseguições policiais, dos revezes sofridos em várias ocasiões, dos longos anos de ilegalidade, da intensa campanha de calúnias movida pela poderosa máquina de propaganda das classes dominantes, o Partido Comunista jamais deixou de existir e atuar, amplia e consolida sua influência. A própria reação tem sido obrigada a admitir o papel proeminente dos comunistas nos grandes movimentos de massas ocorridos nos últimos tempos — na campanha eleitoral do sr. Juscelino Kubitschek e na luta contra o golpismo, na defesa do petróleo e dos minérios atômicos, na luta pelo aumento do salário mínimo e dos vencimentos do funcionalismo, e agora na jornada que

se inicia contra a entrega de Fernando de Noronha aos americanos.

Dentro do quadro político brasileiro, os comunistas se destacam singularmente por uma dedicação extraordinária ao seu ideal revolucionário, por uma militância ativa e abnegada, por uma confiança sem limites em seu Partido e na vitória de sua causa. Não somos nós apenas que o dizemos, são os próprios reacionários que o confessam a contra-

## O P. C. B. E' INVENCIVEL

gosto. E tentam explicar este fato — para eles incompreensível — com alusões raivosas ao fanatismo dos comunistas, ao poder de penetração da «propaganda vermelha».

Seria falso, no entanto, buscar a causa da vitalidade do Partido Comunista e de sua importância crescente na vida política nacional apenas na propaganda comunista. Como explicar, então, que a influência dessa propaganda não seja anulada

pela propaganda anticomunista, muito mais intensa, custosa e multiforme? A verdade é bem outra. Para compreender o Partido Comunista e a tenacidade do seu desenvolvimento é preciso descer às raízes profundas que o ligam à realidade brasileira e ter em conta seu caráter de partido revolucionário da classe operária.

\*\*\*

O pequeno Partido Comunista, fundado a 24 de março de 1922 num sobrado modesto por um grupo de nove operários e intelectuais, é hoje o

grande Partido respeitado e querido por grandes massas, cuja influência abrange milhões de brasileiros. A que se deve o crescimento do PCB, seu prestígio no seio das massas? Em primeiro lugar, ao fato de que ele é o Partido de vanguarda da classe operária, o partido que expressa os interesses fundamentais da classe mais revolucionária e progressista da sociedade brasileira.

Conclui na 2ª página

# Eleições na Índia

Acaba de realizar-se a segunda eleição geral na Índia, com a votação nas importantes cidades de Calcutá e Amritsar.

O Partido do Congresso, do premier Nehru, obteve dois terços do total das cadeiras, ou seja 1.170. O Partido Socialista Praja obteve 107 cadeiras, o Partido Comunista da Índia, 84; o Jan Sangh, 28 e Independentes e outros partidos, 300 cadeiras.

Em Kerala, o Partido Comunista da Índia foi o partido mais votado, obtendo 45 cadeiras, contra 35 do Partido do Congresso, sendo eleito o secretário do Comitê de Kerala, do PCI. Outros destacados líderes comunista foram também elei-

tos, tendo derrotado candidatos do Partido do Congresso e de outros partidos.

A eleição geral demonstrou

o fortalecimento do Partido Comunista da Índia e o crescente apoio que vem recebendo das massas populares Indus-

## PROPOSTA SOVIÉTICA

O governo soviético propôs, a 16 do corrente, a organização de uma instituição econômica e atômica para toda a Europa, em substituição à chamada «Euratom» e ao «Tratado do Mercado Comum» que visam perpetuar a divisão da Europa em blocos hostis, abrindo caminho à novas aventuras guerras do militarismo alemão.

O governo soviético oferece em sua proposta, à todos os países europeus que o desejem, a utilização das investigações e experiências atômicas soviéticas, em benefício de todos. O projeto soviético, em lugar de dividir a Europa, asseguraria uma cooperação econômica e atômica geral, a serviço da paz.

## DENÚNCIA CONTRA A CAP DA LIGHT

Escreve-nos um operário da Light para reclamar contra a maneira como a Caixa de Pensão dos Trabalhadores da Light (CAPTL) vem se portando em relação aos seus associados.

Os doentes são abandonados, meses inteiros, sem receber qualquer auxílio, passando as maiores necessidades, juntamente com suas famílias. Existem casos de trabalhadores operários, internados em casas de saúde, que só não morreram de fome devido à ajuda prestada por companheiros e pelo Sindicato.

Tal situação não pode continuar e nem há razão para isso. O que há é desleixo burocracia e desinteresse pela vida dos trabalhadores.

## SETE dias NO MUNDO

### PROJÉTEIS TELEGUIADOS

Telegrama de Albuquerque, Estados Unidos, anuncia que foi encontrado perto daquela localidade o projétil teleguiado «Matador», que fugira ao controle da base de lançamento de White Sands em 21 de fevereiro findo. O General Johna Mendaris, chefe do serviço de projéteis balísticos do exército norte-americano, declarou que vai adiantada a construção do projétil «Jupiter», com um alcance de 5.000 quilômetros, enquanto a U. S. Navy organizava por sua vez uma série de experiências com os foguetes teleguiados «Terrier», assistidas por Eisenhower. Como se sabe, o orçamento norte-americano para o corrente ano prevê um aumento de 30% nas verbas destinadas às armas desse tipo. Essas medidas se enquadravam na desesperada tentativa de preparação de uma guerra atômica teleguiada, ora intensificada pelas forças do imperialismo, e são acompanhadas da exigência de novas bases em diversos países, entre as quais a de Fernando de Noronha.

isto é, contra o bloco dos países unidos em torno da plataforma de Bandung. Durante a conferência os conselheiros militares da organização estiveram reunidos secretamente, declarando após isso que «acreditam ter realizado notáveis progressos no reforço da organização militar».

### O EGITO RETOMA A ADMINISTRAÇÃO DE GAZA

Depois de derrotar todas as manobras dilatórias, o Egito assumiu finalmente a administração total da região de Gaza. No dia 3 as tropas da força de emergência da ONU começaram a retirar-se para a linha de armistício de 1948, que separa Israel do território egípcio. O rei da Saudi-Arabia declarou dois dias antes que se opõe à internacionalização do golfo de Akaba. Em entrevista concedida à imprensa, o presidente Nasser afirmou: «Todos os navios que pagarem fretos de trânsito ao Egito e que pertencerem à nações em paz conosco, poderão transitar pelo canal sem dificuldade».

### REUNIÃO NAS BERMUDAS

O Sr. Mac Millan, primeiro ministro britânico, referindo-se à conferência das Bermudas, nos dias 21 a 24 do corrente, declarou: «os assuntos que tenho a discutir com o Presidente Eisenhower, e a seguir com o primeiro ministro do Canadá, terão vital importância para o futuro do Oriente Médio, para o nosso abastecimento de petróleo, e para toda a preservação do mundo contra o comunismo...»

### REUNIÃO DO CONSELHO DA OTASE

Terminou no dia 13 a reunião em Camberra, Austrália, do Conselho de Ministros da Organização do Tratado do Sudeste da Ásia. O comunicado final declara que o maior perigo reside nos «atos de subversão comunista» e investe contra «a chamada frente da paz na Ásia».

## A Situação da Indonésia

A crise política interna da Indonésia, bastante agravada nos últimos dias, constitui objeto de justa preocupação para os povos da Ásia, e, de um modo geral, para todos os partidários da paz. País com cerca de 80 milhões de habitantes, riquíssimo em recursos naturais — como o petróleo, o estanho e a borracha, a Indonésia ocupa posição de destaque entre as nações do sudeste da Ásia. Desde a sua independência, conquistada após a segunda guerra mundial, vem a Indonésia adotando uma política externa independente e de paz, e em seu território realizou-se a histórica conferência de Bandung. No entanto os imperialistas holandeses e norte-americanos conservaram no país importantes posições econômicas, entre as quais as concessões petrolíferas da Shell, na ilha de Borneo, e a do grupo Rockefeller em Sumatra.

A crise política da Indonésia é provocada pelos elementos reacionários internos, apoiados e insuflados pelos monopólios holandeses e pelo imperialismo norte-americano. A intervenção aberta do imperialismo nos assuntos internos da Indonésia, já por demais evidente, foi confirmada recentemente com a inclusão do item «assuntos indonésios» na reunião da OTASE (SEATO) na Austrália, dirigida pessoalmente por Foster Dulles. O diretor do Departamento de Imprensa do Ministério do Exterior da Indonésia publicou uma declaração de protesto contra essa inclusão, para a qual serviu de pretexto o patriótico plano de fortalecimento da unidade nacional, apresentado pelo presidente Sukarno em fim de fevereiro, e que previa a criação de um «gabinete colegial» no qual estivessem representados todos os partidos políticos, inclusive o Partido Comunista.

Como todos se recordam, o Partido Comunista da Indonésia obteve impressionante votação — 6 milhões de elei-

tores —, nas eleições gerais de 1955, e após decididamente a política de paz e de emancipação nacional do presidente Sukarno.

Desde o putsch militar de 22 de dezembro, na ilha de Sumatra, que se seguiu à visita ao país de Allen Dulles, chefe dos serviços secretos norte-americanos, assistimos a uma série de intrigas, provocações e golpes de força, nas inúmeras ilhas do arquipélago indonésio. Ao mesmo tempo em que elementos militares ligados ao imperialismo tomavam o poder em importantes regiões, reduzindo praticamente o governo ao controle da ilha de Java, apenas, o partido reacionário Masjumi tudo fazia para minar o ministério de coalizão do qual participava, presidido pelo sr. Sastroamidjojo. Um dos alvos principais dessas intrigas era o ministro do exterior Abdulqani, odiado pelos imperialistas em virtude de sua atuação na ONU.

As últimas notícias informam que o gabinete Sastroamidjojo renunciou, e que o presidente Sukarno declarou em discurso que se via forçado a adiar o seu plano de gabinete de unidade, embora continue disposto a levá-lo à prática.

As forças progressistas e que apóiam uma política externa independente e de paz constituem no entanto a esmagadora maioria da nação indonésia. São elas representadas pelo Partido Nacionalista, ao qual pertence o próprio presidente Sukarno, pelo Partido Comunista, e pelo Partido Muçulmano Ulama. Dos 260 membros do Parlamento Indonésio, 141, isto é, a maioria, adotam mesmo uma posição bastante avançada, pois são favoráveis à nacionalização de empresas imperialistas. Essas forças, unidas, saberão certamente derrotar a ofensiva do imperialismo e da reação interna.

Com o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, a partir da primeira guerra mundial, o proletariado cresceu, concentrou-se e desenvolveu sua consciência de classe. Na luta para varrer os obstáculos que se opõem à emancipação nacional e ao progresso social — a opressão imperialista e as sobrevivências feudais —, na luta pelos seus interesses vitais e contra a exploração, a classe operária necessita de um partido revolucionário unido e combativo, guiado pela teoria marxista-leninista. O surgimento do PCB foi, assim, uma necessidade histórica. Sua existência está ligada inseparavelmente à luta de classes do proletariado.

O PCB nasceu como fruto de um poderoso despertar da consciência revolucionária do proletariado brasileiro, ao influxo das idéias libertadoras da Revolução Socialista de Outubro. Nenhuma campanha caluniosa conseguiu jamais afastar o PCB do seu dever internacionalista, da solidariedade ativa ao Partido Comunista da União Soviética e a todos os Partidos irmãos. Desde o início de sua vida, o Partido Comunista do Brasil apoia-se, portanto, na grande força do internacionalismo proletário, da solidariedade mundial dos trabalhadores. Esta força se expressa hoje na unidade inquebrantável do poderoso campo das nações socialistas, que englobam 900 milhões de habitantes e aumentam cada dia sua potência.

Lutando para criar as condições necessárias à vitória do socialismo, a classe operária e a força mais avançada e combativa da sociedade brasileira na luta pela democracia, pela independência nacional e pelo progresso. O PCB tornou-se vanguardário das lutas de todo o povo, esforçando-se por unir em frente única todas as classes e camadas progressistas do país. Por essa razão, goza do respeito e do apoio não só das massas trabalhadoras da cidade e do campo como de milhares de patriotas e democratas da intelectualidade, da pequena burguesia e da burguesia nacional.

O Partido Comunista tem, portanto, fundamentos sólidos e indestrutíveis no seio da sociedade brasileira. Sua existência e seu desenvolvimento correspondem a uma necessidade inelutável do pró-

## O P. C. B. É INVENCÍVEL

prio desenvolvimento social do país. Como partido da classe operária, ele tem seu destino indissolivelmente ligado ao da classe mais avançada, que se desenvolve com o crescimento da grande produção mecanizada e é a portadora das novas relações sociais.

Em vão se esforçam por destruí-lo os que pensam poder parar a roda da história! Nestes 35 anos da vida política brasileira, não foram poucos os senhores das classes dominantes que juraram dar o golpe de morte no PCB. Mas estes homens surgiram e desapareceram, enquanto o Partido continuava cada vez mais vivo e atuante, a ele pertence o futuro.

\*\*\*

A força do Partido Comunista reside não apenas em sua ligação com as massas e em sua orientação marxista-leninista, mas também na unidade de suas fileiras. Os operários, explorados e oprimidos, não estão divididos entre si por interesses antagônicos, mas, ao contrário, possuem interesses comuns que os opõem como classe aos exploradores. Expressão dos interesses fundamentais da classe operária, o Partido Comunista é, portanto, um partido firmemente unido, com uma só ideologia, um só programa, uma só tática e uma só organização. A unidade do Partido assegura seu papel como dirigente da classe operária, sua capacidade de soldar as massas numa força unida e poderosa, sem o que elas estariam condenadas à derrota.

O PCB se distingue de todos os outros partidos também pela sua coesão. Nêle não há lugar para «alas», «fracções» ou «dissidências», como ocorre nos partidos burgueses. Sua unidade é garantida e reforçada pela aplicação dos princípios leninistas de organização, que combinam a disciplina consciente e a obediência a um centro único com a democracia interna, a luta de opiniões e a participação da massa de militantes na elaboração da política do Partido. A observância rigorosa destes

princípios faz com que, de um lado, os militantes do Partido atuem unidos como um só homem, cumprindo as decisões adotadas pela maioria, e, de outro lado, que possam todos contribuir, com suas opiniões e críticas, para corrigir e aperfeiçoar a política e a atuação do Partido.

Em grande parte, os êxitos alcançados pelo PCB em seus 35 anos de lutas devem-se à unidade de suas fileiras, à derrota de todas as tentativas fracionistas. Ante a firme decisão dos comunistas de preservar a unidade do Partido, nada puderam conseguir os trotskistas em 1937, foram batidos os liquidacionistas em 1943, fracassou em 1951 o traidor Crispim. Na luta para defender sua unidade, o Partido fortaleceu sua organização e temperou-se ideologicamente.

A unidade do Partido é a principal condição de sua força. Salvaguardar a unidade do Partido é o dever primeiro de todo militante. Ao comemorar o 35º aniversário do PCB, os comunistas cerram fileiras em torno do Comitê Central, dirigido pelo camarada Prestes, dispostos como sempre a reforçar a coesão do seu Partido.

\*\*\*

Em sua história de lutas duras e gloriosas, o PCB teve brilhantes vitórias e derrotas temporárias. Alcançou êxitos e cometeu erros. Os êxitos valem como estímulo para novos avanços, os erros servem de ensinamentos, serão corrigidos e superados.

Olhando o caminho percorrido, os comunistas brasileiros sentem um legítimo orgulho de seu Partido e lançam-se com entusiasmo às tarefas de hoje. Nos últimos tempos, as forças do imperialismo e seus agentes internos tentam desacreditar e debilitar o Partido Comunista, realizam uma intensa campanha ideológica visando abalar a confiança das massas no Partido. Mas este esforço desesperado está condenado ao fracasso. O Partido Comunista do Brasil, esperança e guia de nosso povo, é invencível. Não há força capaz de deter sua marcha para a vitória.

# A SIGNIFICAÇÃO POLÍTICA DO 35º ANIVERSÁRIO DO P.C.B.

Aproxima-se o dia em que o Partido Comunista do Brasil completará mais um aniversário. A 25 de março de 1922 surgiu no país o partido político da classe operária que, desde então, como força independente, desfralda a bandeira da libertação nacional e social do povo brasileiro, da luta pela liquidação da exploração do homem pelo homem, a bandeira do socialismo.

A fundação do Partido Comunista do Brasil foi uma necessidade histórica, exigência do desenvolvimento da classe operária e do aguçamento da luta de classe do proletariado. O surto industrial que se verificou no país na segunda década deste século conduziu a um impetuoso crescimento do operariado, que em grandes greves nos maiores centros fabris começou a tomar consciência de sua força. Tornava-se imperiosa a necessidade de criar a organização política do proletariado, de unir num partido monolítico e combativo, com ideologia própria, os elementos de vanguarda da classe operária, os trabalhadores conscientes da cidade e do campo e os intelectuais mais ligados ao povo. Estavam maduras na sociedade brasileira as condições para o surgimento do partido independente da classe operária.

Mas isto só foi possível devido à vitória do proletariado russo a 7 de novembro de 1917, quando derrubou o poder da burguesia e abriu uma nova era na vida da humanidade. Ao realizar a maior revolução na história dos povos — a Revolução de Outubro — os operários e camponeses da antiga Rússia, chefiados por Lênin e o Partido bolchevique, despertaram também para a luta por sua emancipação social a classe operária do Brasil. Sob a influência direta do Grande Outubro, grupos de operários e intelectuais revolucionários há 35 anos fundavam o Partido Comunista.

Desde que surgiu, apesar de viver quase sempre na ilegalidade, perseguido e combatido pelas forças da reação, o PCB esteve sempre a serviço das massas trabalhadoras. Não há exemplo na história do Brasil de uma organização política que se mantivesse tão fiel ao povo como o partido dos comunistas. Contam-se aos milhares os membros do PCB que sofreram a prisão e o exílio, que foram torturados ou assassinados pela polícia ao lutar pelas reivindicações populares, em defesa dos interesses da pátria. A bravura e o espírito

## MAURÍCIO GRABOIS

existência honram as melhores tradições revolucionárias do povo brasileiro. Em 1935 dirige os patriotas e democratas que, de armas na mão, se levantaram contra a dominação imperialista e o fascismo. Nos anos do Estado Novo, sob feroz perseguição policial, luta pelas liberdades, pela anistia, contra o terror fascista. Durante a II Guerra Mundial está à frente de nosso povo no movimento patriótico pelo envio de uma força expedicionária para combater o nazismo. É a força impulsionadora da democratização do país nos dias que se sucederam ao término da guerra. Conquistando a legalidade, tornando-se um poderoso partido de massas, realiza com pleno êxito memoráveis campanhas, como por uma Assembléia Constituinte e pela expulsão dos soldados norte-americanos das bases do nordeste. Nos últimos anos ergueu com firmeza a bandeira das reivindicações populares, encabeçou vitoriosamente a luta contra o envio de tropas brasileiras à Coreia, é o defensor mais consequente da paz, da democracia e da independência nacional.

Por tudo isso, o PCB é um partido verdadeiramente patriótico, diferente das demais forças políticas, dedicado servidor do povo. É a grande esperança dos que sofrem a exploração e a opressão, de todos os humilhados e ofendidos pelo iníquo regime econômico, social e político que impera no país.

Pelo mesmo motivo, contra o PCB se voltam os piores inimigos do povo brasileiro — os imperialistas norte-americanos e a pequena minoria de latifundiários e grandes capitalistas a eles ligada. Atacam-no por todos os meios. Prendem e processam seus militantes e dirigentes. Usam a calúnia e a mentira, tudo fazendo para desacreditá-lo perante a opinião pública. Procuram levar a confusão e a desagregação a suas fileiras. Esforçam-se por afastá-lo dos demais partidos comunistas e operários, para privá-lo da solidariedade internacional dos trabalhadores. Tentam, enfim, liquidá-lo. Mas são baldados estes infames esforços da reação. O PCB cresce e se fortalece, aumenta seu prestígio diante das massas que nele encontram um guia esclarecido.

No entanto, em sua trajetória de 35 anos de duras e difíceis lutas, o PCB tem enfrentado grandes dificuldades, so-

freu pesadas derrotas e cometeu graves erros. Em certos casos não esteve à altura de sua missão histórica. Sua direção não domina ainda como é necessário a doutrina revolucionária do proletariado, o marxismo-leninismo, nem conhece suficientemente a realidade brasileira. Durante um longo tempo predominaram métodos falsos de trabalho e foram violados os princípios leninistas de organização do Partido. Neste seu aniversário, todo o Partido, da direção às bases, empenha-se na luta por estabelecer métodos justos de trabalho, tanto nas relações da direção com as organizações inferiores e o conjunto dos militantes, como também nas relações dos comunistas com as massas. Está em curso o combate pela plena aplicação dos princípios da democracia interna, da direção coletiva e do centralismo democrático.

A data do 35º aniversário da fundação do Partido desperta os comunistas para a necessidade de estudar a rica experiência positiva e negativa da sua atividade, tanto na esfera da ação política como no domínio da assimilação da teoria e da construção do Partido. Tal estudo ajudará a eliminar os erros, a avançar na aprendizagem do marxismo-leninismo e na realização das tarefas práticas.

Nas atuais circunstâncias, mais do que nunca, é preciso cuidar cotidianamente do Partido. Desenvolvê-lo e fortalecê-lo é uma tarefa decisiva. Todo militante comunista tem o dever de se manter vigilante em defesa do seu partido, de combater tudo que possa debilitá-lo, de pugnar sem desfalecimento por sua ligação crescente com as massas, sem as quais o Partido pouco representa.

Quando a reação imperialista se volta com furor contra os partidos comunistas do mundo inteiro e, em nosso país, o Partido Comunista é alvo dos mais soezes ataques que visam enfraquecê-lo e desagregá-lo, é dever dos comunistas reforçar a unidade do Partido em torno do seu Comitê Central, a cuja frente está o camarada Prestes. Para enfrentar a ofensiva ideológica dos inimigos é preciso que cada comunista lute pela unidade e coesão do Partido, não permita que em suas fileiras penetrem as idéias estranhas ao proletariado, surjam grupos ou frações.

Apesar de se encontrar na ilegalidade, o PCB vive e atua, está em toda parte, é respeitado e amado pelas massas trabalhadoras. A data de seu aniversário é um dia de festas para a classe operária e o povo. Sob o signo da unidade do Partido, intensificando a luta pela realização das tarefas atuais, pela anulação do acordo que entregou a ilha de Fernando de Noronha aos militaristas norte-americanos, os comunistas comemoram o aniversário do PCB, convictos de sua invencibilidade, certos da vitória da causa que ele heróicamente defende.

## PRESTES FALA SOBRE O PARTIDO

"Nos 25 anos decorridos desde a realização do III Congresso do Partido, percorremos um longo caminho, difícil, sinuoso, cheio de heroísmo e de inquebrantável fidelidade à classe operária e ao povo. Sofremos duros reveses, passamos por dolorosos sacrifícios, tivemos erros e acertos, derrotas e vitórias. Jamais arriamos nossa bandeira de luta, por mais duras que tenham sido por vezes as condições em que tivemos de atuar e de lutar. Nem por um instante sequer, nosso Partido deixou de existir e de lutar, de esforçar-se por defender com abnegação os interesses da classe operária e do povo brasileiro, de guiá-los corajosamente em suas lutas contra os exploradores e opressores. Cresceram por isso as forças de nosso Partido de maneira considerável e, paralelamente, cresceu sua influência entre as grandes massas da população trabalhadora. Em nosso país, é o

Partido Comunista o único partido político verdadeiramente nacional, com raízes nas massas fundamentais da população e que encarna todas as qualidades de nosso povo e suas aspirações de paz, liberdade, independência e progresso social. Constituímos hoje e cada vez mais uma força decisiva nos destinos do Brasil".

"...Nesses 25 anos comecemos, porém, sérios erros que prejudicaram bastante a ação dirigente do Partido entre as massas e não nos permitiram por várias vezes melhor utilizar uma situação objetivamente favorável para levarmos nosso povo ao triunfo em sua luta pela emancipação do país do jugo imperialista, pela liberdade e pelo progresso do Brasil. A vitória da revolução, como nos ensinam Lênin e Stálin, não vem por si só — deve ser preparada e conquistada. "É só um forte partido revo-

lucionário do proletariado — diz Stálin — pode fazê-lo. Há momentos em que a situação é revolucionária, o poder da burguesia está abalado até os alicerces e, no entanto, o triunfo da revolução não chega, porque não existe um partido revolucionário do proletariado suficientemente forte e prestigioso para arrastar as massas e tomar o poder em suas mãos".

Nosso Partido avança, sem dúvida, no processo de sua formação como um verdadeiro partido revolucionário do proletariado, esforça-se por entrar no caminho de sua bolchevização. Este avanço, porém, só tem sido possível na medida em que temos conscientemente lutado pela eliminação no seio do Partido de todas as manifestações de direita e de "esquerda", da influência ideológica da pequena-burguesia, causa e origem de nossos erros". (Do Informe apresentado ao IV Congresso do PCB).



# Seus Nomes Anunciam o Brasil Livre de Amanhã



William Dias Gomes

## A CHACINA DE TUPÁ

Na noite de 25 de setembro de 1949, numerosos camponeses paulistas estavam reunidos num sítio, nos arredores de Tupá, debatendo as suas reivindicações e a orientação de suas lutas.

A polícia de Ademar, em todo o Estado, investia contra os trabalhadores, seus movimentos reivindicatórios e organizações, seguindo à risca a orientação do governo reacionário de Dutra. Os camponeses paulistas, espoliados pelos Lunardelli e demais senhores de terra, eram especialmente visados pela ação policial.

O sítio foi cercado por forte contingente e o cerrado tiroteio tornava cla-



Afonso Marma

ra a intenção de fuzilar todos os presentes. Pedro Godoy, Afonso Marma e Miguel Rossi portaram-se como autênticos dirigentes comunistas. Organizaram a resistência de modo a possibilitar a retirada de quase todos os camponeses presentes e lutaram até tombarem mortalmente feridos. A Godoy que sobrevivia, esvaindo-se em sangue, foi feita a monstruosa proposta de assistência médica em troca da delação dos que haviam participado da reunião. A sua resposta, que lhe custou a vida, foi um violento pontapé na face do policial que o interpelava.

«Tôda a literatura anti-comunista da atualidade passará e a poesia de Castro Alves ficará e as mãos brasileiras continuarão a ler e a explicar aos seus filhos aqueles versos admiráveis de Gonçalves Dias:

«E' luta renhida,  
Viver é lutar  
Se o duro combate  
Os fracos abate  
Aos fortes, aos bravos  
Só pode exaltar».

(Da carta a Sobral Pinto, lida por Prestes perante o Supremo Tribunal Militar).

Jamais o duro combate deteve ou abateu o povo brasileiro. Páginas gloriosas de nossa história vêm sendo escritas com o sangue dos filhos do povo, he-

róis forjados nas lutas libertárias.

Felipe dos Santos e Tiradentes, Frei Caneca e Padre Roma, Sabino Vieira, Angelim e Cipriano Barata, são heróis do passado que apontam ao nosso povo o caminho do futuro.

Dignos herdeiros e fiéis depositários das mesmas bandeiras de libertação e progresso, os filhos da classe operária não se detêm ante a selvageria dos seus opressores. Nesses 35 anos árduas batalhas, pela independência da Pátria e pela emancipação do povo, os comunistas brasileiros têm sido combatentes intrépidos, conscientes dos seus deveres de vanguar-

deiros das lutas populares.

Os mártires de Itaquí, os heróis de 35, os mineiros de Morro Velho, os portuários do Rio Grande e de Santos, os camponeses de Tupan e Porecatú: são centenas, milhares de filhos e filhas do povo, tombados nos postos de luta, nos postos de honra.

Trucidados nos cárceres estadonovistas, como os marinheiros Manoel Faustino e Normando Neves.

Espingardeados à frente do povo, nos comícios do povo, como os jovens Jorge de Alencar e Zélia Magalhães, no Rio de Janeiro, e os operários Deoclécio Santana, em Santos, e Anísio Dário, em Aracajú.

Fuzilados nos desfiles proletários de 1º de maio, como Angelina Gonçalves, Enclides Pinto e Honório Couto, nas ruas da cidade do Rio Grande.

Caidos à frente das lutas camponesas, como Pedro Godoy, Afonso Marma e Miguel Rossi, em Tupan, Francisco Bernardo dos Santos e Ortiz, em Porecatú, e José Honorato na Alta Sorocabana.

Assassinado em plena campanha eleitoral, como Lafaiete Fonseca, no Rio de Janeiro, Abdias Rocha, Ari Kuhlman, Aladin Rosales e Aristides Correia Leite, em Livramento.

Heróis e mártires da classe operária, como Luiz Bispo, Hermenegildo Assis Brasil, José Lou-

renço Bezerra, Mário Couto, Júlio Cajazeiras, Vicente Malvoni, Cirilo Marques, Serafim Santos, entre tantos outros, são símbolos gloriosos das lutas do povo brasileiro.

Seu sacrifício não foi vão. Militantes comunistas, foram combatentes dignos do seu glorioso Partido. Dirigentes do povo, apontaram-lhe o caminho da luta renhida, o caminho da vitória das novas forças sociais sobre as velhas classes exploradoras, quaisquer que sejam as violências dos seus esbirros e sustentáculos. Como disse o camarada Prestes:

«SEUS NOMES ANUNCIAM O BRASIL LIVRE DE AMANHÃ».

1º DE MAIO DE 1950

## JORNADA GLORIOSA DO PROLETARIADO RIOGRANDINO

Na tarde de 1º Maio de 1950 os trabalhadores da cidade do Rio Grande pagaram um tributo de sangue à grande jornada internacional da classe operária. Apesar da decisão do governo Dutra, que proibira em todo o país as comemorações, cerca de 2.000 operários riograndinos promoveram vibrante comício seguido de passeata até a sede da Sociedade União Operária, que havia sido arbitrariamente fechada pela polícia do governador Jobim e completava naquela data 56 anos de fundação. Um grupo de operários marchava à frente conduzindo o pavilhão nacional. Quando a passeata havia percorrido cerca de um quilômetro, surgiram de várias ruas, onde estavam emboscados, caminhões de policiais e grupos montados da Brigada Militar que abriram fogo contra o povo desarmado. Homens e mulheres enfrentaram os policiais esmurcando-os, tomando-lhes as armas, lutando corpo a corpo. A jovem tecelã Angelina Gonçalves e suas companheiras defendiam a bandeira nacional, que fôra arremancada pelos esbirros e retomada pelas operárias. Ferida mortalmente na testa, por um tenente da Brigada Militar, Angelina tomba mas não solta a bandeira, que os policiais não conseguem arrancar de suas mãos.

No choque sangrento, além da porta-bandeira, morrowam Euclides Pinto, líder dos trabalhadores da construção civil, e os operários Honório Pôrto Oswaldino Correia. Dentre os que reagiram, destacou-se

pela bravura o vereador comunista Antônio Recchia, lo carinho e respeito do proleariado e do povo de Rio Grande.

Angelina e seus companheiros, são hoje porta-bandeiras de todo o proleariado e do povo brasileiro.



Pedro Godoi

### VOZ OPERÁRIA

Director-Responsável

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and. s/ 1.712 - Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Anual	100,00
Semestral	60,00
Trimestral	30,00
Núm. avulso	2,00
Núm. atrasado	3,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte:	
Preço no R. G. Sul, Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo, e Belo Horizonte	2,00
Goias e interior de Amazonas e Territórios	4,00
Outros Estados	3,00
M. Gerais	2,50

SUCURSAIS:

SAO PAULO - Rua dos Estudantes nº 84 s/ 28, 2º and. - Tel. 37-4983.
PORTO ALEGRE - Rua Voluntários da Pátria, nº 66, s/ 43.
RECIFE - Rua Floriano Peixoto nº 85 - 3º and. - s/ 326.
FORTALEZA - Rua Barão do Rio Branco, nº 1.248 - s/22 - Tel. 1-13-03.
SALVADOR - Rua Barão de Cotegipe, 67 - Edifício Zacarias, s/ 203 (Calçada).
JOAO PESSOA - Rua Duque de Caxias, 558 - 1º and. - Salas 3 e 4.



Líder sindical paulista, durante a campanha eleitoral, debate com o povo a impatriótica cessão de Fernando de Noronha

# REPULSA NACIONAL À ENTREGA DE FERNANDO DE NORONHA

De todos os pontos do país chegam à Capital da República os pronunciamentos do povo e das forças políticas exigindo o exame e repulsa, pelo Congresso, do «ajuste» sobre Fernando de Noronha. Além de dezenas de Câmaras municipais do interior já se pronunciaram as assembleias estaduais do Maranhão, Pernambuco, Alagoas e Estado do Rio, bem como as câmaras das seguintes capitais: São Luiz, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Maceló, Salvador, São Paulo, Niterói.

## NO CONGRESSO

No Senado da República a Comissão de Relações Exteriores, unanimemente, concluiu pela necessidade de ser ouvido o Congresso.

Na Câmara dos Deputados foi criada uma Comissão de Inquérito sobre política exterior e particularmente sobre o Acórdão Militar e a entrega

## PROTESTOS E PRONUNCIAMENTOS EM TODO O PAÍS — RESOLUÇÃO UNÂNIME NA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES DO SENADO — COMISSÃO DE INQUÉRITO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS — CAMPANHA PATRIÓTICA PROMOVIDA PELA COMISSÃO DE DEFESA DE F. DE NORONHA

de Fernando de Noronha, a requerimento de 145 deputados. Ao apresentar o requerimento, o deputado Seixas Dória pronunciou importante discurso, vivamente apertado por parlamentares de várias correntes em apoio de suas considerações. Ressaltou o representante udenista que, à época da assinatura do Acórdão Militar Brasil-Estados Unidos, não eram ainda conhecidas as modernas armas nucleares de caráter ofensivo e grande poder de destruição. Não poderia assim o governo,

com base naquele acórdão de caráter defensivo, concluir o chamado «ajuste», permissivo de instalações, em nosso território, de uma estação de lançamento de teleguiados, que são as mais modernas armas nucleares de caráter ofensivo.

## COMISSÃO DE DEFESA DE FERNANDO DE NORONHA

Fundada em reunião pública no auditório da Câmara do Distrito Federal, a Comissão de Defesa de Fernando de Noronha recebeu desde logo o entusiástico apoio da mocidade universitária, que ofereceu a sede da União Nacional dos Estudantes para escritório central da Comissão. Sucedem-se as manifestações de apoio à Comissão, que será solenemente instalada no dia 4 de abril com a presença de parlamentares, delegados de entidades sindicais, culturais, de personalidades do Rio e dos estados. Nas reuniões preliminares várias medidas foram tomadas objetivando o desenvolvimento de vibrante e patriótica campanha de envergadura nacional: delegações de parlamentares, universitários e líderes

sindicais percorrerão os estados, um manifesto nacional será lançado, folhetos de debate e argumentação serão impressos, uma semana de exaltação de Tiradentes, de 14 a 21 de abril, será programada, com palestras, conferências e debates em toda a parte. Das reuniões preliminares têm participado o senador Domingos Velasco; deputados Dagoberto Salles, Frota Moreira, Leônidas Cardoso, representantes da UNE, UME, AMES e entidades estaduais, vereadores do Rio e de Niterói, e grande número de dirigentes sindicais. A Câmara Municipal de Niterói está oficialmente representada na Comissão pelo Vereador Afonso Celso. 9 comissão de redação do manifesto nacional, composta do senador Domingos Velasco, deputado Frota Moreira e vereador Hélio Walacer apresentará na próxima reunião o seu projeto. Uma vez aprovado esse importante documento correrá o Brasil todo para receber o apoio dos representantes de todos os setores da vida nacional e de todas as classes e camadas de nosso povo.

## EM S. PAULO

Na capital paulista as manifestações em defesa de Fernando de Noronha se têm sucedido em forma de vibrantes comícios populares. Nada menos de vinte comícios já foram realizados com o entusiástico apoio do povo paulistano. Um grandioso comício central foi promovido, na

Conclui na Página 10

## A Greve Geral em Pernambuco Contra o Aumento dos Impostos

Em 9 de novembro de 1950, Recife e as principais cidades de Pernambuco ficaram paralisadas em virtude de poderoso movimento grevista. Industriais, comerciantes, banqueiros, apoiados pelos principais sindicatos de trabalhadores, manifestaram então seu protesto contra a nova lei de impostos, o Código Tributário, que havia sido encomendada pelo governador Cordeiro de Farias. Teve papel destacado na elaboração da lei o deputado Clélio Lemos, que foi o autor do projeto e o articulador da maioria governamental para sua aprovação

### O GOVERNO CONTRA A INDÚSTRIA

Respondia, assim, o governo Cordeiro de Farias, com novos e mais pesados impostos e taxas, às reivindicações progressistas da burguesia industrial de Pernambuco, que havia solicitado do Governo isenção de impostos para as novas indústrias. O Governador vetara a lei que concedia tais isenções, num período de surto industrial no Estado, favorecido e impulsionado pela produção abundante de energia elétrica das novas usinas do S. Francisco. A classe operária e o povo apoiaram desde logo os industriais e comerciantes porque compreenderam que o peso dos novos impostos recairia, em última análise, sobre os seus ombros.

Perdendo o apoio das principais forças políticas e sociais, o governador vem, desde então, anunciando que se licenciará do cargo. E' então apresentada a candidatura do Sr. Clélio Lemos para o posto de Presidente da Assembleia, substituto legal do governador.

### GREVE GERAL DE ADVERTÊNCIA

Mobilizaram-se, rapidamente, todas as forças do movimento de novembro e foi declarada uma greve geral de advertência contra a eleição do Sr. Clélio. A maioria governista, representativa dos setores agrícolas do Estado, da zona do latifúndio, que já havia votado a «lei da escorcha fiscal», orientada pelo Sr. Etelvino Lins, elegeu por 43 votos contra 18 não só o Sr. Clélio Lemos, mas os principais latifundiários da

## PARALISADOS 22 MUNICÍPIOS EM PODEROSO MOVIMENTO DE PROTESTO — UNIDOS INDUSTRIAIS, COMERCIANTES E OPERÁRIOS COM O APOIO DAS POPULAÇÕES DAS PRINCIPAIS CIDADES — DESMORALIZADO O GOV. DE CORDEIRO E SUSPENSA TEMPORARIAMENTE A GREVE

Assembleia para os demais cargos da mesa. Assim, para 1º vice-Presidente foi eleito o Sr. Constando Maranhão, senhor feudal do município de Moreno; para 2º Vice o Sr. Moacir Sales, proprietário de engenho em Gameleira e antigo delegado de polícia; para 1º Secretário o Sr. Antônio Heráclio, grande proprietário em Limoeiro; para 2º Secretário, o Sr. Reinaldo Alves, representante do feudo Paulista; e para 3º Secretário o Sr. Orlando Parahim, representante dos fazendeiros de Salgueiro.

Não só foi repetida mas ultrapassada em solidez e envergadura, a greve de novembro. Até os cinemas, bares e botiquins cerraram as suas portas. As ruas desertas indicavam o apoio da população e as fábricas abandonadas mostravam a posição de luta da classe operária. Estendeu-se o movimento pelas principais cidades do Estado num total de 22 municípios.

Conhecido o resultado da eleição da mesa da Assembleia, que deixava clara a próxima investidura do sr.

Clélio no cargo de governador, foi imediatamente decretada, nova greve por mais 24 horas em vigorosa e movimentada assembleia na sede da Associação Comercial, de que participaram representantes da indústria, comércio, finanças e dos sindicatos dos trabalhadores. Nesse segundo dia de paralisação total começou o pânico nos arrais governistas, fracassadas as tentativas policiais de compelir os pequenos comerciantes a abrir suas portas.

### ATÉ O DINHEIRO DEIXOU DE CIRCULAR

Nova assembleia e mais vigorosa, resolveu que os impostos estaduais não mais serão recolhidos à Secretaria de Finanças, mas depositados em Julzo pelo comércio e pela indústria, suspensa igualmente a aquisição de selos estaduais. Foi ainda resolvido o prosseguimento da luta até a renúncia do sr. Clélio Lemos. No terceiro dia de greve até o dinheiro deixou de circular em Recife.

Entraram em desespero os governistas e etelvinistas. Negociações foram entabula-

das, sendo intermediários o prefeito do Recife, sr. Pelópidas da Silveira e o Presidente da Ordem dos Advogados. Demitiu-se o líder do governo na Assembleia, o governador propôs a criação do cargo de Vice-Governador e, em nova assembleia, foi suspensa a greve temporariamente, enquanto durarem os entendimentos. Mas será novamente decretada até o definitivo afastamento do autor do código de arrocho fiscal do cargo de substituto do governador.

### DESMORALIZADO O GOVERNO DE CORDEIRO

Até aqui têm sido inúteis as tentativas de divisão do poderoso movimento. Em vão tem gritado o sr. Etelvino Lins que as forças de esquerda estão assaltando o poder em Pernambuco. De nada adiantará a já noticiada intervenção federal solicitada pelo governador, ao sr. Juscelino Kubitschek, por telefone e por este prometida. A unidade das forças mais progressistas do Estado está em processo de fortalecimento. O movimento tem o apoio das populações das principais cidades e municípios do interior. Tudo indica que a vigorosa luta terminará com a derrota dos latifundiários que dominam a assembleia e que o já desmoralizado e desiludido governador Cordeiro terá de ceder o seu posto a quem represente os interesses das forças mais progressistas.

## ENTUSIASMO NAS ELEIÇÕES DE S. PAULO

Grande é o apoio popular à candidatura do engenheiro Prestes Maia a Prefeitura de São Paulo. Crescente é o entusiasmo nos comícios e múltiplas e novas iniciativas da Frente Popular vêm despertando a atenção da população paulistana.

As barracas da Frente Popular deram um aspecto novo ao pleito: no centro da cidade e nos bairros foram instaladas grandes barracas com tribunas livres, estando abertas as inscrições, de manhã à noite, a todos os populares que quiserem fazer uso da palavra, a favor ou contra o candidato Prestes Maia. O resultado foi surpreendente e o povo paulista está em praça pública, debatendo o dia inteiro não só os problemas da cidade relacionados com o

## CRESCENTE APOIO POPULAR A PRESTES MAIA — AS BARRACAS DA FRENTE POPULAR — UNIÃO DAS FORÇAS POPULARES EM CARÁTER PERMANENTE

pleito, como os problemas nacionais como a entrega de Fernando de Noronha a defesa do petróleo, etc.

O apoio dos comunistas foi fator decisivo no desenvolvimento vitorioso da campanha. Os comícios nas portas das fábricas, a multiplicação dos comitês da Frente Popular, as

mais variadas iniciativas de organização e propaganda, têm sempre entre os seus realizadores os abnegados e experimentados militantes do Partido Comunista cercados do carinho e da simpatia da classe operária e do povo de São Paulo. Tornouse, assim, possível bater o demagogo Ademar no seu mais forte reducto eleitoral, graças à união de amplas forças populares. O que é mais importante, a Frente Popular já decidiu transformar-se em movimento de caráter permanente. Seus comitês eleitorais já estão se constituindo em Comitês da Frente Popular para conduzir as lutas reivindicatórias e políticas do povo paulista depois do pleito eleitoral.

## SITUAÇÃO NO BRASIL

• Ao indicar o Sr. Carlos de Lacerda para líder da bancada udenista na Câmara, o desarvorado partido dos lenços brancos ainda mais se desmoraliza aos olhos do povo brasileiro. O Sr. Gabriel Passos, respeitável e prestigiado parlamentar udenista, desligou-se imediatamente de qualquer compromisso com o comando da bancada, declarando que não poderia se submeter a uma liderança de entreguistas, de golpistas e de donos de jornais.

• Em editorial intitulado: «A Vez do Ferro», denuncia o «Diário de Notícias» de 20 de março a investida do grupo Rockefeller contra a Companhia Vale do Rio Doce e a ACESITA. «Em julho do ano passado — diz o editorial — publicamos a tradução do exemplar n. 581 da «Hanso's Latin American Letter», que dava notícia circunstanciada de um acordo secreto, que teria sido firmado pelo governo brasileiro com o grupo Rockefeller, para a exploração de jazidas de ferro, com a extração de 10 milhões de toneladas por ano». Silenciou o governo ante aquela denúncia e agora são reveladas as propostas do grupo Rockefeller de compra das duas empresas nacionais. Bases para teleguiados, investida contra a Petrobrás, bases para radar, compra das minas de Morro Velho e já agora assalto aos nossos depósitos de ferro, são vários aspectos da multilateral ofensiva imperialista, incentivada pela capitulação governamental, e que terá de ser detida por um vigoroso movimento patriótico de amplitude e envergadura sem precedentes.

• Assumiu o Sr. Benedito Valadares a presidência do PSD, enquanto o Sr. Amaral Peixoto permanece em Washington negociando novos «ajustes» para a construção de bases de radar em todo o nordeste brasileiro. Ao mesmo tempo, prepara-se o Sr. Juraci Magalhães para assumir a presidência da UDN tendo como líder da bancada federal o Sr. Lacerda. São outros aspectos da ofensiva imperialista em todos os terrenos, essas indicações dos mais qualificados entreguistas para os postos de direção dos partidos políticos. Completa o quadro a substituição do Sr. Ferrari na liderança do PTB pelo Sr. Batista Ramos, que ninguém sabia de onde vinha e estreou fazendo a defesa do «ajuste» de Fernando Noronha.

• Sucedem-se as demonstrações da mocidade universitária de repulsa ao desmoralizado «Chatô», que será o embaixador do Sr. Juscelino Kubitschek em Londres, dentro da mesma política de quadros.

# Por Uma Maior Coesão das Forças do Socialismo à Base dos Princípios MARXISTAS - LENINISTAS

Publicamos abaixo, na íntegra, o importante editorial da "Pravda" de 23 de novembro de 1956, intitulado "Por uma maior coesão das forças do socialismo à base dos princípios marxistas-leninistas".

OS acontecimentos ocorridos na Hungria, onde a contra-revolução conseguiu tornar-se ativa e atacar as conquistas socialistas, o regime popular-democrático, provocaram profunda repercussão nos cérebros e corações de todas as pessoas que prezam os interesses do socialismo.

Em todos os países do campo socialista as maquinacões da ação foram unanimemente condenadas. Na imprensa do Partido Comunista da China publicaram-se artigos, imbuídos do espírito do internacionalismo proletário, que atraíram atenção geral pela profundidade da análise marxista-leninista dos acontecimentos ocorridos na Hungria. Os pronunciamentos dos dirigentes dos Partidos Comunistas na França e na Itália e em outros países revelaram a unidade de vistas nas fileiras do movimento comunista mundial quanto à questão dos acontecimentos na Hungria. Os Partidos Comunistas nos países capitalistas lutam bravamente contra o desenfreado da reação.

A marcha dos acontecimentos na Hungria revela que a reação tentou, para satisfazer às suas finalidades antipopulares, valer-se do descontentamento acumulado pelas massas trabalhadoras, que com razão exigiam a melhoria da direção exercida sobre o país e a elevação do nível de vida da população.

## OS ERROS DA ANTIGA DIREÇÃO DO PARTIDO HÚNGARO

Não há dúvida de que nos acontecimentos da Hungria cabe a culpa à direção estatal e partidária passada, tendo à frente Rakosi e Geroe, direção que, ao resolver os problemas relativos à edificação do socialismo, cometeu profundos erros tanto no que diz respeito às questões políticas gerais como no campo da economia política e da construção cultural.

A direção partidária, chefiada por M. Rakosi e E. Geroe, desligara-se das massas do Partido, do povo, desconhecia o estado do espírito reinante na classe operária, no campesinato e na intelectualidade. Cometeram-se transgressões bastante profundas da legalidade (o processo de Rajk e vários outros, em consequência dos quais sofreram injustamente muitos militantes honestos do Partido e do Estado). No domínio da economia cometeram-se erros profundos e sérios; considerável parte dos recursos era destinada à construção de novas e grandes empresas, insustentável para um país tão pequeno como a Hungria. A palavra de ordem de ritmos acelerados na industrialização, justa para a U.R.S.S., foi mecânicamente transplantada à Hungria, segundo padrões preestabelecidos, sem fundamentos econômicos devidos, e se procedia à edificação de grandes empresas, para as quais não estava garantido o suprimento de matérias-primas.

Os antigos dirigentes do Partido e do Estado na Hungria copiavam mecânicamente a experiência acumulada pela União Soviética no domínio da industrialização, apesar de terem sido por várias vezes advertidos fraternalmente de não procederem assim. Na elaboração dos planos para a edificação econômica era necessário considerar as condições concretas na Hungria e ter em mente que não cabe a todos os países, criar dentro de suas fronteiras, todos os setores da indústria, porque têm a possibilidade de apoiar-se em todo o conjunto dos países socialistas. Era necessário gastar maiores recursos com o desenvolvimento da agricultura e o aumento da produção de meios de consumo, o que teria permitido elevar continuamente o nível de vida da população. As proporções foram aqui, violadas.

O caminho tomado pela União Soviética para criar sua poderosa indústria em curto prazo fundamentava-se no fato de que a U.R.S.S., era, naquele período, o único país do socialismo dentro do cerco capitalista. Nosso povo foi forçado a submeter-se a grandes restrições e a mobilizar recursos para desenvolver a indústria pesada como a mais importante garantia para a independência do país e a base para o desenvolvimento de sua economia. A justiça dessa diretriz foi confirmada por toda a marcha da história. Se isso não fosse feito, o país soviético não poderia suportar a guerra contra a Alemanha hitlerista e derrotar o fascismo.

Na Hungria cometeram-se erros também no domínio da construção do Partido, os quais provocaram o enfraquecimento do Partido. O Partido Húngaro dos Trabalhadores possuía em sua composição mais de 900 mil membros para uma população de nove mil

lhões de habitantes. As portas do Partido estavam abertas para todos aqueles que nele quisessem ingressar e por isso nele penetraram as mais diversas pessoas. A ele filiaram-se operários, porque era seu Partido, porque só criando esse Partido e fortalecendo-o é que a classe operária pode conservar suas conquistas, reforçá-las e desenvolvê-las. No entanto insinuaram-se nas fileiras do Partido dos trabalhadores elementos nacionalistas pequeno-burgueses, e também pessoas estranhas, carreiristas, que desejavam usar o Partido para atender a seus próprios fins.

Os dirigentes do Partido não prestaram a devida atenção em selecionar para o Partido as forças realmente melhores e avançadas do povo, pouco trabalharam para educar os quadros e todos os membros do Partido no espírito marxista-leninista, no espírito da solidariedade internacional entre os trabalhadores. Por isso, quando surgiram dificuldades, o Partido não pôde dominar uma situação complexa criada no país, não pôde erguer as forças avançadas do povo para lutarem contra a reação e, além disso, o próprio Partido revelou-se estar desorganizado.

Os dirigentes do Partido Húngaro dos Trabalhadores não levaram devidamente em conta as particularidades nacionais do país. Não há dúvida alguma de que foi possível, durante um decênio do progresso do regime popular-democrático, educar e promover quadros à direção do Partido e do governo em maior grau do que foi feito, quadros essencialmente nacionais da República Húngara. Permitiram-se situações que feriram o orgulho nacional do povo húngaro. Começaram, por exemplo, a usar uniformização militar parecida à usada na União Soviética. Todo povo possui tradições e costumes nacionais que exigem respeito. Não se pode subordinar todos ao mesmo padrão. Será que modos idênticos de os militares pentearem os cabelos ou sistema idêntico para avaliação do aproveitamento nas escolas são indicio de unidade entre os países socialistas? Trata-se, evidentemente, de fantasias desnecessárias e nocivas que de certo modo ferem os sentimentos nacionais.

Após o XX Congresso do P.C.U.S. Rakosi não soube e não quis chefiar a reorganização de todo o trabalho; ao contrário, contrariando a opinião da maioria dos militantes do Partido, declarou que a política de direção do Partido Húngaro dos Trabalhadores era de todo justa e nela nada havia para corrigir. Isso provocou sério descontentamento no Partido. Sem possuir linha política precisa, a direção do Partido nada empreendeu para corrigir os erros do passado de maneira firme e decisiva, e em curto prazo. Devemos acrescentar que durante vários anos na Hungria, fazia-se propaganda aberta contra o Partido e o governo através da imprensa, entre parte dos literatos, estudantes, etc. A par de uma crítica justa à direção, nessa propaganda começaram a surgir cada vez mais motivos nacionalistas e chovinistas, palavras de ordem de retorno à democracia burguesa, tendências anti-socialistas que frequentemente se dissimulavam pela contraposição entre o «caminho iugoslavo para o socialismo» e a experiência de todo campo socialista, inclusive a experiência da U. R. S. S.

A direção Rakosi-Geroe não combatia devidamente essas tendências negativas, não procurava apoiar-se nas organizações operárias do Partido, nas quais nesse período ainda predominavam tendências sãs, internacionalistas. Os dirigentes do Partido e os órgãos do poder estatal manifestaram falta de vigilância e faziam vistas grossas tanto à intensificação do justo descontentamento do povo como à atividade de elementos contra-revolucionários, atividade conspirativa e de sapa que se ampliava cada vez mais e levou às manifestações de rua de 23 de outubro em Budapeste.

## O DUPLO JÓGO DE IMRE NAGY

Nessas manifestações participou parte dos operários que marchavam com boas intenções, procurando expressar seu justo descontentamento, provocado pelos erros cometidos pela direção passada. No entanto, esse descontentamento espontâneo foi utilizado pelas forças contra-revolucionárias. Já agora se acha estabelecido com precisão que os elementos contra-revolucionários, estavam organizados antecipadamente, possuíam centro militar dirigente, dispunham de forças preparadas e distribuídas para um golpe, pessoas estavam destacadas para se apoderarem de depósitos de material bélico, os objetivos de ataque estavam definidos, meios estavam mobilizados para o transporte de armamento, fixados os locais para a distribuição de armas. Por isso é que ocorreram os sangrentos acontecimentos em Budapeste, provocados pelas ações provocadoras de bandos fascistas e horthystas.

Os jornais burgueses do ocidente de maneira bastante franca escrevem que os acontecimentos na Hungria foram preparados durante muito tempo e cuidadosamente tanto pela reação interna como pela reação externa, e que desde o início sentiu-se em tudo a mão experiente de conspiradores. Allen Dulles, dirigente do serviço de espionagem americana, afirmou claramente «ter conhecimento antecipado dos acontecimentos na Hungria. O correspondente do jornal «Welt am Sonntag», da Alemanha Ocidental, assim escreve a respeito de um dos insurretos: «A primeira coisa que eu vi ele foi a insígnia da ordem da Cruz de Ferro alemã». O jornal «France-Soir» declara que as estações de rádio americanas que transmitiam «apêlos à insurreição muito mal causaram» na Hungria. Esse mesmo jornal reconhece que nos acontecimentos húngaros representaram papel dirigente «os elementos mais reacionários e abertamente fascistas».

Com a finalidade de fazer cessar as ações desses elementos antipopulares e estabelecer o mais rapidamente possível a ordem em Budapeste o governo húngaro dirigiu ao governo da U.R.S.S. o pedido de ajuda militar, a ser prestada pelas divisões militares soviéticas estabelecidas na Hungria de acordo com o Tratado de Varsóvia. A movimentação das forças soviéticas e a participação delas na restauração da ordem paralisaram a ação da reação e forçaram esta a recuar.

No entanto, logo que o governo soviético a pedido do governo de Imre Nagy, deu ordem para retirada de suas forças de Budapeste, as forças contra-revolucionárias procederam a uma repressão cruel contra os comunistas, contra políticos homens públicos e partidários do regime popular democrático.

Numerosos fatos comprovam que Imre Nagy punha em prática uma política duplice: por um lado afirmava que a ação das forças soviéticas era indispensável para sufocar as forças contra-revolucionárias, mas, por outro lado, estimulava a resistência ativa dos elementos contra-revolucionários e mantinha contacto com eles.

Por não serem rechaçados com firmeza pelo governo Imre Nagy, as forças contra-revolucionárias apoderaram-se de armas, criaram bandos armados, recebendo ajuda dos países imperialistas, e ditaram suas condições ao governo de Imre Nagy. Esse governo na realidade poder nenhum possuía no país, instalou-se no Edifício do Parlamento e se comunicava com a população através do microfone, ao mesmo tempo em que os bandos fascistas, horthystas, perseguiram a todos aqueles que quisessem, atacavam na rua elementos progressistas enforcavam-nos e os decapitavam.

Durante sete a oito dias várias vezes modificou-se a composição do governo de Imre Nagy e dia a dia ele cada vez mais se inclinava para a direita. O governo de Imre Nagy se transformara em biombo para a atividade das forças contra-revolucionárias. O centro militar conspirativo exercia uma pressão sempre maior sobre ele.

Nessa situação, os melhores elementos, como os camaradas Ianos Kadar, Ferency Múnich e Imre Horvarth, participantes do governo de Imre Nagy romperam com esse governo.

## NOSSO DEVER DE INTERNACIONALISTAS

O governo recém-organizado — o governo revolucionário operário camponês de Ianos Kadar — resolveu acabar com o derramamento de sangue, rechaçar as forças fascistas reacionárias e solicitou ajuda à União Soviética.

Nessas condições, a decisão tomada pelo governo soviético no sentido de ajudar as forças revolucionárias da Hungria foi a única justa. O estado socialista não podia permanecer como observador indiferente ao desenfreado sangrento da reação fascista na Hungria Popular Democrática. Quando na Hungria tudo se tranquilizar, quando ali a vida reassumir sua marcha normal, dúvida alguma haverá de que a classe operária húngara, o campesinato e a intelectualidade compreenderão melhor e avaliarão com justiça nossas ações. Consideramos nossa ajuda à classe operária húngara na luta contra as maquinacões da contra-revolução como cumprimento de nosso dever internacional. Sacrificamo-nos nessa luta apenas para barrar a marcha do fascismo na Hungria, para conservar as conquistas socialistas da classe operária húngara e do povo trabalhador, para que possam desenvolver seus feitos e continuar a viver vida própria, e edificar seu estado socialista independente e soberano.

Continuaremos a ser amigos dos trabalhadores da Hungria que lutam por uma causa que nos é comum, pela vitória do socialismo, pela edificação de uma nova sociedade à base de princípios novos, e pela consolidação

da causa da paz. Nosso Partido considera seu dever apoiar o Partido Operário Socialista Húngaro na tarefa de realizar os princípios revolucionários do marxismo-leninismo. Quando na Hungria se estabelecer uma ordem normal e seu governo considerar não ser mais necessária a permanência ali das forças soviéticas, de sua parte a União Soviética, em caso algum insistirá no sentido de que suas forças ali permaneçam.

## O DISCURSO DE TITO EM PULA

Entre as repercussões no estrangeiro a respeito dos acontecimentos na Hungria desperta atenção o recente discurso pronunciado pelo camarada Tito em Pula. Nêle amplo lugar é ocupado pelos acontecimentos na Hungria, e se ressalta com justeza terem sido os elementos contra-revolucionários que provocaram esses acontecimentos. Tito afirma: «Essas forças reacionárias mostraram sua verdadeira face muito rapidamente, em dois a três dias. Como os dirigentes de então, na revolta de todo o povo contra tudo que se fizera no passado, não manifestaram o desejo de afastar os elementos que irritavam o povo húngaro nem tomar um caminho realmente húngaro de desenvolvimento do socialismo, com todas as suas particularidades intrínsecas, os acontecimentos muito rapidamente tomaram outra direção e a reação começou a dominar cada vez mais.»

O camarada Tito faz uma aguda caracterização do governo de Imre Nagy: «O governo de Nagy nada fez para evitar isso. Sem cessar derramava lágrimas pelo rádio e implorava ajuda ao invés de lutar contra essa situação e de manifestar, de alguma forma, a vontade de impedir o aniquilamento dos comunistas e de elementos progressistas... Se o governo de Nagy fosse mais enérgico, se ele não vacilasse até chegar ao ponto em que se encontra hoje, se ele se erguesse com firmeza contra a anarquia e o assassinio de comunistas pelos elementos reacionários, se ele rechaçasse com firmeza a reação, etc. é possível que as coisas houvessem tomado um caminho justo e, talvez, não exigissem a intervenção das forças soviéticas. O que fez Nagy, porém? Conclamou o povo a tomar armas contra o exército soviético e se dirigiu aos países ocidentais, solicitando a intervenção destes».

Como observa Tito, os acontecimentos na Hungria assumiram uma tal amplitude que se tornou claro que ali ocorreria uma terrível carnificina, uma sangrenta guerra civil, em consequência da qual talvez se chegasse à terceira guerra mundial. Tito declara a seguir: «Embora sejamos contra a intervenção, a intervenção soviética foi necessária». Trata-se, evidentemente, de uma análise justa dos acontecimentos na Hungria. No mesmo discurso, porém, Tito qualifica a ajuda prestada pelas forças soviéticas ao governo húngaro, de «erro» e afirma: «Nunca os aconselharíamos a recorrer à ajuda do exército». Não se pode considerar essa posição consequente e de acordo com a realidade. Está agora perfeitamente claro para todos que sem essa ajuda na Hungria a contra-revolução teria sido vitoriosa e o regime fascista horthysta teria sido estabelecido. Por conseguinte, a ajuda prestada pelas forças soviéticas foi um passo indispensável e inevitável.

Sabemos que a ajuda prestada pela União Soviética ao povo trabalhador da Hungria, em sua luta contra a contra-revolução, foi aprovada pelos Partidos Comunistas irmãos e pelos trabalhadores dos países socialistas. Expressando pontos de vista do Partido Comunista da China, o jornal «Jemingpao», escreveu: «A posição assumida pela União Soviética com respeito aos acontecimentos na Hungria é uma posição perfeitamente justa de internacionalismo proletário... O governo soviético e o povo soviético não têm nenhum fundamento para assistir a tudo de braços cruzados quando o governo da Hungria, representando a vontade e os interesses nacionais do povo, solicita ajuda à União Soviética e quando o povo húngaro seria escravo do fascismo se a União Soviética em resposta não lhe estendesse sua mão fraternal».

Nas últimas semanas resolveram-se os problemas dos destinos do socialismo na Hungria. Se no centro da Europa surgisse uma Hungria fascista, a situação política de vários países situados na Europa Oriental e Central se modificaria consideravelmente, enquanto que sem dúvida alguma a situação internacional em todo o continente europeu pioraria.

## VIGILANCIA E UNIÃO

Os acontecimentos na Hungria foram a primeira grande investida do fascismo durante todo o período de após-guerra, investida que demonstra que a ameaça do fascismo

Continua na Página 7

# Por Uma Maior Coesão das Forças do Socialismo à Base dos Princípios Marxistas-Leninistas

Continuação da Página 6

ainda não passou. Essa situação exige, de todos os partidários do socialismo, coesão ideológica, uma dobrada vigilância, e um profundo rigor de princípios na análise das questões que dizem respeito aos referidos acontecimentos.

Tanto maior surpresa despertam certas teses no discurso de Tito, quanto é certo que de forma alguma correspondem nem à consolidação de todos os partidários do socialismo e nem a uma compreensão justa de vários e importantes problemas da situação internacional e das tarefas atuais do movimento comunista mundial.

Em primeiro lugar verifica-se no discurso de Tito, a par de pronunciamentos justos a respeito dos acontecimentos na Hungria, certas afirmações que não podem deixar de provocar réplicas legítimas. Tito se dirige a seus leitores: «Vemos que um povo, de mãos vazias e mal armado, oferece a mais poderosa resistência se visa a uma finalidade — libertar-se e ser independente. Não mais o interessa saber qual será essa independência, se haverá ou não no país a restauração da burguesia e de um sistema reacionário, contanto que seja independente no sentido nacional. Eram esses os pensamentos que o assaltavam». Primeiro, o camarada Tito exagera muito ao falar aqui de «povo»; segundo, o marxismo-leninismo nos ensina a considerar esses fenômenos de outra maneira. Se a uma parte dos trabalhadores é indiferente que se lhe ponha sobre a nuca — sob a máscara de afirmações falazes «sobre liberdade e independência» — o jugo da exploração, transformando seu país em peça do jogo nas mãos das grandes potências imperialistas, lançando-os numa nova guerra, de maneira como procedeu a camarilha fascista-hitlerista de Horthy com o povo húngaro em 1941-1944, isso quer dizer que essa parte dos trabalhadores caiu na armadilha armada pela reação. Isso significaria, por conseguinte, que as massas não estariam marchando para a libertação e a independência, mas, em direção diametralmente oposta, para a escravidão e a perda da independência. O marxismo-leninismo exige que, ao analisarmos um fenômeno social, sempre demos resposta à seguinte pergunta: «Quais são as classes interessadas nesse ou naqueles acontecimentos; aos interesses de que classes corresponde uma ou outra forma de atividade social dos homens?». Verdade é que se incorporaram ao redemoinho dos acontecimentos da Hungria consideráveis camadas de trabalhadores. A história conhece muitas ocasiões em que os sentimentos nacionais das massas foram atingidos, instigados e utilizados pelas forças reacionárias contra os interesses básicos do povo.

Em seu discurso o camarada Tito se detém em outro importante problema internacional — a agressão da Inglaterra, França e Israel contra o Egito, afirmando: «É uma agressão bastante típica, que em nada se distingue das agressões clássicas anteriores perpetradas pelas potências coloniais. «Israel — continua Tito — foi desta vez instrumento das grandes potências, e, como tal, é uma ameaça à paz. «O mais trágico, a meu ver — observa o orador — é que os socialistas franceses se cobriram de opróbrio e novamente demonstraram que são os laços mais fiéis dos círculos que procuram manter, a qualquer preço, as velhas formas clássicas de colonialismo... E cumpre-nos, camaradas, ter cuidado porque se constata que os campeões da chamada democracia ocidental — França e Inglaterra — só em palavras são pela paz, pela justiça e pela democracia, mas em essência, são centros que podem chegar a ações extremas, reacionárias e agressivas, se tiverem a possibilidade».

Dessa análise justa devemos concluir pela necessidade de elevar a vigilância e a coesão entre todos os povos que amam a paz.

## O CULTO A PERSONALIDADE E O REGIME SOVIÉTICO

Referindo-se aos acontecimentos na Hungria, o camarada Tito faz várias observações críticas a respeito do Partido Comunista da União Soviética. Devemos deter-nos, de maneira particular, no exame dessas observações. Não somos, é claro, contra a crítica. Na Declaração de Moscou está escrito, como opinião geral do P.C.U.S. e da União dos Comunistas da Jugoslávia, que nossa cooperação se baseará na crítica amistosa, no caráter fraternal da troca de opiniões a respeito das questões em litígio entre nossos partidos. E não há por que devamos nos afastar dessa decisão. No entanto, as observações críticas do camarada Tito atraem nossa atenção porque são feitas num tom que ultimamente já está quase obsoleto.

Consideremos a tese fundamental formulada por Tito em relação ao regime soviético. Ele ressalta insistentemente que «o culto à personalidade é, em essência, produto de um determinado sistema». Declara ser necessário falar de «um sistema que assegurou a cria-

ção do culto à personalidade». Na realidade, porém, o culto à personalidade achava-se em contradição gritante com todo nosso sistema socialista soviético. E' justamente por partirmos de nosso sistema político e econômico que podemos lutar contra o culto à personalidade e conseguir em prazo extremamente curto, grandes êxitos na liquidação de suas consequências.

O sistema socialista soviético, criado por nossa classe operária em aliança com o campesinato, por todos os trabalhadores da União Soviética, por seu Partido Comunista, é comprovado pela existência da história. A base do poderio insuperável do sistema socialista soviético está nas formas socialistas de propriedade dos instrumentos e meios de produção. O regime social soviético é um regime realmente popular. Em nosso país as classes exploradoras foram completamente abolidas; constituiu-se e consolidou-se a unidade moral e política da sociedade, fortaleceu-se ainda mais a aliança entre a classe operária e o campesinato, e temperou-se na luta pelo socialismo a inquebrantável amizade entre todos os povos da U.R.S.S.

A criação, em prazo historicamente curto, de uma poderosa potência socialista industrial, de um país de agricultura socialista avançada, dentro do cerco capitalista hostil, quando não só não havia qualquer ajuda material de fora, como também, durante décadas, travava-se luta tenaz, clara e dissimulada, econômica, política e ideológica contra o primeiro país do socialismo — eis o resultado da prova a que a vida submeteu esse sistema. Na realidade, desse resultado, atualmente, após várias lições práticas, nem mesmo os inimigos da União Soviética têm base para duvidar. Os inimigos do socialismo procuraram pôr à prova a fortaleza de nosso sistema no fogo da mais penosa das guerras. O sistema político e econômico soviético, criado pelos povos de nosso país sob a direção do Partido Comunista, suportou com honra essa difícil prova. A vitória alcançada pela União Soviética na Grande Guerra Patriótica teve importância histórica e universal; salvou os povos da ameaça da escravização fascista, abriu caminho e criou condições favoráveis à edificação do socialismo em vários países.

O sistema soviético revelou seu poderio na restauração da economia destruída pela guerra, quando não só não podíamos contar com a ajuda alheia como tivemos de prestar ajuda aos jovens países de democracia popular. A força de nosso sistema está em seu coletivismo, em seu profundo democratismo socialista. O sistema soviético é a unificação de milhões e milhões de trabalhadores na cidade e no campo em prol do grande objetivo de edificar a nova sociedade. Todos são testemunhas dos grandes feitos dos cidadãos soviéticos. Muito recentemente uniram-se centenas de milhares de pessoas que em condições difíceis, conseguiram imensos resultados, na grande campanha contra as terras virgens e de pouso, atendendo ao apelo do Partido.

Tudo isso, é claro, não quer dizer que não haja falhas em nosso país. Elas existem e submetemo-las à crítica aguda e franca, trabalhando sistematicamente por extirpá-las. Nossas deficiências foram reveladas pelo XX Congresso do Partido, que também mostrou o caminho justo para superá-las. Ninguém pode negar que hoje o Partido e o Estado Soviético realizam com perseverança e de maneira conseguinte, grandes medidas para elevar o nível de vida dos trabalhadores, para observar estritamente a legalidade revolucionária e para desenvolver ainda mais a democracia socialista.

Assim acontece com o sistema soviético que não pôde ser destruído nem pela guerra, nem pelo bloqueio econômico, nem pelas várias maquinacões dos inimigos do socialismo. E' claro que também o culto à personalidade não pôde destruí-lo. Porque ele, esse sistema, o sistema socialista da ditadura do proletariado, tem como base a aliança entre a classe operária e o campesinato colcosiano, é originado pelas leis que regem o desenvolvimento histórico da sociedade, é a encarnação de energia criadora das massas de milhões do povo trabalhador.

Como, portanto, interpretar as observações de Tito sobre o nosso sistema senão como tentativa de denegrir o regime de vida social dos cidadãos soviéticos? Como não perguntar: Não é isso repetição dos antigos ataques contra a União Soviética, em moda no passado, quando ocorreu o pioramento das relações entre a U.R.S.S. e a Jugoslávia? E' problema do próprio povo jugoslavo e da União dos Comunistas da Jugoslávia, empregar, para a edificação do socialismo, quaisquer formas e métodos. Mas, ao mesmo tempo, será justo denegrir o regime socialista de outros países, exaltar a própria experiência, apresentando-a como universal e a melhor? Não se pode deixar de constatar que na imprensa jugoslava, com frequência cada vez

maior, surgem afirmações de que «o caminho da Jugoslávia para o socialismo» é o mais justo ou até mesmo o único caminho possível, talvez para todos os países do mundo. A par disso não se fala dos aspectos positivos e dos feitos da edificação do socialismo em outros países. Essa posição nos faz lembrar um velho provérbio: «Sem nós até mesmo o querido sol não nascerá!».

## OS DIFERENTES CAMINHOS PARA A PASSAGEM AO SOCIALISMO

A diversidade criadora no caminho único do desenvolvimento socialista é definido, nos diversos países, por condições concretas objetivas.

A grande República Popular da China acumulou notável experiência de construção do socialismo. Trabalhando em complexas condições históricas, o P.C. da China presta grande contribuição à teoria e à prática da edificação da sociedade socialista. O movimento comunista mundial pode, com razão, orgulhar-se da inteligência dos companheiros chineses em descobrir e em aplicar com êxito novos métodos de resolver complexos problemas que dizem respeito à vida de centenas de milhões de pessoas. Os companheiros chineses, porém, afirmam continuamente que de forma alguma pretendem que seus métodos sejam universais para a edificação do socialismo, embora em seu país esses métodos tenham se justificado plenamente. A sabedoria da direção do P.C. da China manifesta-se também no fato de não se contrapor à experiência de outros países, além de utilizar com habilidade a experiência de todos os países socialistas para resolver com êxito as tarefas de construção da nova sociedade na China.

Muita diversidade na solução das diferentes questões de construção do socialismo há também nos países europeus de democracia popular. A experiência do desenvolvimento econômico e cultural na Polônia, Rumania, e Albânia, a experiência do cooperativismo na agricultura na Tchecoslováquia — tudo isso e muitas outras coisas enriquecem o tesouro da experiência de criação do novo regime social.

Na Jugoslávia também há formas peculiares de edificação do socialismo, experimentam-se na prática novos métodos e maneiras de administração e de direção. Os conselhos operários na Jugoslávia surgiram relativamente há pouco tempo, cada ano de sua existência traz correções em seu funcionamento, mas já agora estão claros certos aspectos positivos dessa forma. O mesmo não se pode dizer de outra inovação, de efeito negativo, isto é, de certas medidas no domínio da planificação, que enfraqueceram o princípio de planificação da economia jugoslava e que intensificaram a influência das relações no mercado, a respeito do que escreveu a própria imprensa jugoslava.

Não há dúvida de que uma boa experiência sempre trará seus partidários e seguidores, se portou a prova do tempo e deu resultados positivos. E, ao contrário, é ridículo ofender outro país se um ou outro método, empregado em um país, não convém a outro.

## SOBRE O «CAMINHO IUGOSLAVO»

Onde está, porém, a superioridade do «caminho jugoslavo para o socialismo», à qual se referem os publicistas jugoslavos? Respondendo a esta pergunta, os autores de artigos publicados na imprensa jugoslava freqüentemente se referem a umas e outras inovações de caráter político. No entanto, o socialismo — novo regime social — pressupõe a transformação da economia, base de toda a vida social. Essa transformação foi iniciada na Jugoslávia; porém, como os próprios camaradas jugoslavos sabem muito bem, para concluir a transformação ainda há muito e muito a fazer. Sabemos que na economia da Jugoslávia o maior papel é representado pela agricultura, porém no domínio da produção de viveres ainda não foi atingido o nível de pré-guerra e, da vitória das relações socialistas no campo ainda estão, lamentavelmente, longe. Sabe-se também que o déficit anual de trigo é, na Jugoslávia, de cerca de 600 a 650 mil toneladas.

E' de todo evidente a grande importância que na economia da Jugoslávia representa a ajuda recebida dos países capitalistas e, em primeiro lugar, dos Estados Unidos. Por força de uma situação de fato, durante vários anos a Jugoslávia teve a possibilidade de valer-se do aguçamento das contradições entre o imperialismo e os países socialistas. Se, porém, parte essencial de sua economia é a ajuda prestada pelos países capitalistas, não se pode deixar de reconhecer que esse caminho apresenta certas vantagens particulares. E' claro que com tal ajuda não podem contar todos os países do campo socialista; não podem estabelecer sua política contando com a ajuda dos imperialistas. Por conseguinte, esse caminho de forma alguma é universal. Sabemos que círculos imperialistas

ajudaram a Jugoslávia não porque tenham simpatias pelo socialismo, pela edificação do socialismo na Jugoslávia. Políticos do campo do imperialismo confessaram fazer parte de seus planos provocar e atigar, por quaisquer meios, a discórdia entre os países socialistas. Não podemos nem por um minuto esquecer que os inimigos do socialismo até hoje desejariam, custasse o que custasse, semear a discórdia entre os países socialistas e enfraquecer os vínculos entre os mesmos.

Em seu discurso o camarada Tito formula a palavra de ordem de «independência» dos países socialistas e dos Partidos Comunistas em relação à União Soviética e o P.C.U.S. Todos sabem, contudo, que a União Soviética não exige de ninguém qualquer dependência ou subordinação. A respeito disso se afirma com todo o vigor nas decisões aprovadas pelo XX Congresso do P.C.U.S. Essas teses são uma vez mais confirmadas na Declaração do Governo da U.R.S.S. de 30 de outubro de 1956: «As bases para o desenvolvimento e reforço da amizade e da cooperação entre a União Soviética e os demais países socialistas.» Nesse sentido, os erros cometidos no passado estão sendo corrigidos com toda a firmeza pelo nosso Partido e pelo nosso governo. São prova disso as relações que vimos mantendo durante os últimos anos com a Jugoslávia. Com audácia procedemos à correção de todos os erros do passado em relação à Jugoslávia, sem nos preocupar com quaisquer considerações de prestígio, e fomos os primeiros a estender a mão ao governo jugoslavo e à União dos Comunistas. Ninguém pode negar que por parte do P.C.U.S. fez-se e se faz tudo o que é necessário para estabelecer relações à base ideológica do marxismo-leninismo, em prol do reforço da amizade e da cooperação com o povo irmão da Jugoslávia, no interesse da luta pela paz e pelo socialismo.

Fazendo em geral uma análise positiva do desenvolvimento das relações soviético-jugoslavias e dos acordos celebrados entre a U.R.S.S. e a Jugoslávia, Tito censura os dirigentes soviéticos porque não desejariam estender os princípios fixados nesses acordos a outros países socialistas. Tito teve necessidade de fazer essa afirmação estranha e totalmente artificial para atribuir à União Soviética «confiança insuficiente» nas forças socialistas nos países de democracia popular

## AS RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS SOCIALISTAS

As afirmações feitas por Tito são refutadas pelos fatos.

Há a delegação de Belgrado e a declaração comum dos governos da U.R.S.S. e da R.F.P.I. a respeito das relações soviético-jugoslavias, e também a Declaração relativa às relações entre a União dos Comunistas da Jugoslávia e o Partido Comunista da União Soviética. Há a Declaração do Governo da U.R.S.S. sobre os fundamentos para o desenvolvimento e reforço da amizade e da cooperação entre a União Soviética e outros países socialistas. Há a declaração comum relativa aos entendimentos entre a delegação do C.C. do P.C.U.S. e do governo da União Soviética e a delegação do C.C. do P.O.U.P. e do governo da República Popular da Polónia. Nesses documentos reafirmam-se os princípios leninistas que regem as relações entre os países socialistas, mas o camarada Tito ainda continua a falar de uma imaginária «orientação stalinista» nas relações com os países de democracia popular.

Já antes do XX Congresso, justamente em virtude da análise do problema das relações soviético-jugoslavias, o Pleno do C.C. do P.C.U.S. aprovava unanimemente, em julho de 1955, a resolução na qual se afirma:

«Em todas as nossas relações com os países de democracia popular, e também com os partidos comunistas e operários irmãos, os órgãos soviéticos devem orientar-se estritamente pelos princípios leninistas do internacionalismo socialista, pela completa igualdade de direitos, respeito à soberania nacional e consideração das particularidades nacionais dos respectivos países. Os comunistas soviéticos devem dar exemplo de observância aos princípios do internacionalismo proletário, como cabe a representantes de um país socialista multinacional, onde a questão nacional está resolvida de maneira consequente, à base da teoria marxista-leninista.»

A experiência histórica adquirida pela União Soviética e pelos países de democracia popular revela que com a unidade, no principal e no fundo, na obra de assegurar a vitória do socialismo nos diferentes países, podem ser usadas diferentes formas e métodos para resolver os problemas concretos ligados à edificação do socialismo de acordo com as particularidades históricas nacionais.

Como sabemos, o XX Congresso do P.C.U.S. dedicou muita atenção às questões atinentes a relações justas, baseadas nas posições de princípio do marxismo-leninismo.

Conclui na Página 8

# Momentos decisivos na vida do PARTIDO COMUNISTA do BRASIL

A vida do Partido Comunista do Brasil está inseparavelmente ligada à vida do povo brasileiro. Os trinta e cinco anos de história do Partido são anos de luta da classe operária e das massas populares pela emancipação nacional, pela democracia, pelos interesses vitais de nosso povo.

Poucos períodos da história política do Brasil terão sido tão agitados e significativos como o que medeia entre a fundação do PCB, em 1922, e os dias de hoje. Nêle se situam o movimento leninista e a insurreição nacional-libertadora de 1935, a guerra contra o fascismo e a volta ao regime constitucional. Foi um período de agravamento das contradições sociais e de aguçamento da luta de classes, assinalado por grandes movimentos de massa.

Lançamos um olhar retrospectivo sobre os acontecimentos desse período. Em todos os momentos decisivos para a vida de nosso povo, encontramos o PCB à frente das massas, lutando ao seu lado, organizando-as e esclarecendo-as.

## 1934-1935

Passados quinze anos desde o fim da primeira guerra mundial, a situação internacional voltava a agravar-se. O fascismo hitlerista subia ao Poder e ameaçava o mundo com uma nova guerra. Por toda parte arregimentava-se o partido fascista, as forças mais negras da reação. Atacavam o movimento operário, concentravam seu ódio feroz no Partido Comunista.

No Brasil, o governo de Vargas iniciava a marcha para a ditadura terrorista. Enquanto o PCB era brutalmente perseguido e seus militantes caçados pela polícia, as centúrias integralistas desfilavam pelas ruas em formações militares, anunciando abertamente os preparativos para tomar o Poder.

Nesta situação difícil para nossa pátria, os comunistas puseram-se à frente das massas, chamaram todos os patriotas e democratas à união e à luta em defesa da independência nacional e da democracia. Surgiu a Aliança Nacional Libertadora, grande movimento de frente única para a luta contra o fascismo e pela emancipação nacional. Suas bandeiras proclamavam: "Pão, terra e liberdade". Sua direção foi entregue ao líder querido do povo, Luiz Carlos Prestes.

O movimento de massas realizado pela ANL, sob a direção do PCB, foi um dos maiores da história do Brasil. Greves de centenas de milhares de operários abalaram o país, revelando a decisão do proletariado de cerrar a passagem ao fascismo. Trabalhadores, estudantes e intelectuais enfrentavam nas ruas os bandos integralistas e seus cúmplices policiais. Ingressavam na Aliança patriotas de várias camadas sociais, de distintas concepções ideológicas: operários e camponeses, sábios e artistas, militares e políticos, industriais e comerciantes.

Ante a repressão violenta do movimento democrático pelo governo e visando impedir a implantação do fascismo, foi desencadeada em novembro de 1935 a heróica insurreição nacional-libertadora. Os bravos combatentes de Natal e de Recife, do 3º RI e da Escola de Aviação foram derrotados, mas sua luta constituiu uma demonstração pujante do espírito antifascista do povo brasileiro. 1935 foi um dos marcos decisivos da vida do PCB. Pela primeira vez em nosso país, o partido da classe operária dirigia uma luta armada contra o opressor imperialista e seus agentes internos. Apesar da derrota sofrida, a insurreição nacional libertadora indicou a todo o povo o caminho da luta, revelou o caráter revolucionário do Partido e sua firmeza inquebrantável.

As experiências das jornadas de 1934-1935, tanto nos seus aspectos positivos como no que apresentam de negativo, constituem ensinamentos preciosos para os comunistas brasileiros. Elas são estudadas e utilizadas em benefício da luta que travamos hoje pela independência, pela democracia, pelo progresso social.

Em todo o mundo, as forças do progresso e da democracia empunham as armas na luta contra a barbárie fascista e o terror nazista. Travava-se uma batalha

Essa ameaça, partida daqueles que pretendiam dissolver o Partido nas organizações populares de massas, sob a falsa alegação de que seria «sectarizar» o movimento democrático a existência de um Partido Comunista, foi destruído em agosto de 1943. A Conferência da Mantiqueira, foi o golpe de misericórdia para os liquidacionistas. Ela uniu e consolidou os grupos dispersos pelo terror policial, reafirmou a existência do partido do proletariado, traçou a orientação política justa para as lutas de nosso povo, pela paz e a democracia.

Mas êsses foram os anos, também, em que o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL teve que enfrentar uma grave ameaça: o liquidacionismo. A tentativa de eliminar o partido político independente da classe operária, como força atuante e decisiva na sociedade brasileira.

Essa ameaça, partida daqueles que pretendiam dissolver o Partido nas organizações populares de massas, sob a falsa alegação de que seria «sectarizar» o movimento democrático a existência de um Partido Comunista, foi destruído em agosto de 1943. A Conferência da Mantiqueira, foi o golpe de misericórdia para os liquidacionistas. Ela uniu e consolidou os grupos dispersos pelo terror policial, reafirmou a existência do partido do proletariado, traçou a orientação política justa para as lutas de nosso povo, pela paz e a democracia.

A derrota do liquidacionismo significou a vitória dos princípios marxistas-leninistas, contribuiu para o fortalecimento ideológico do Partido, pois derrubou uma séria tendência oportunista de direita. Foi a reafirmação dos

princípios leninistas de construção do Partido Comunista como vanguarda consciente organizada da classe operária e do povo.

Luiz Carlos Prestes está liberdade. Dá a sua primeira entrevista e comparece ao primeiro grande comício de massas. No campo do Vago da Gama na Capital Federal, a luta intrínseca em defesa dos interesses da classe operária e do povo brasileiro.

Esses dois anos de legalidade, o PCB firmou-se na opinião das amplas massas de nossa pátria, como o partido mais combativo, mais honesto, mais consequente na luta intrínseca em defesa dos interesses da classe operária e do povo brasileiro.

Essa experiência adquirida pelo Partido, durante os curtos anos de legalidade, é preciosa. Ela deve ser cuidadosamente estudada, por todo o Partido, para daí extrairmos ensinamentos.

Os anos do governo reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.

o Partido Comunista anos de duras lutas e de feroz perseguição. Foram anos de sofrimento e de resistência para os trabalhadores e o povo. O imperialismo norte-americano esforçava-se por dominar nosso país e arrastá-lo à guerra, mas o PCB desmascarava os planos imperialistas e organizava as massas para enfrentá-los.

A luta prosseguiu durante o governo de Vargas. O imperialismo obteve concessões crescentes, ameaçava apoderar-se de nossas riquezas, tratava de controlar nossas forças armadas e enviava a juventude brasileira para morrer na Coreia. Nesse período, o povo obteve grandes vitórias na luta pela paz, em defesa do petróleo, pela garantia das liberdades. A sua frente marchava o Partido Comunista.



1945-1947 — Nos grandes comícios do período da legalidade, o PCB realizou um importante trabalho de educação política do povo, agitando em praça pública os problemas fundamentais do país.

Quando, em 24 de agosto, o imperialismo lançou tentou deter o avanço do movimento democrático através do golpe militar-fascista, as massas ganharam as ruas, impedindo a implantação de uma ditadura terrorista.

1954 — Os anos do governo reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.

Hoje, a luta continua. Novas tarefas, novas dificuldades, novos problemas — enfrenta o PCB. Sua voz se ergue contra os atentados à soberania nacional, em defesa das liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, pela paz mundial.

A existência do PARTIDO COMUNISTA à frente das lutas de nosso povo reforça nossa confiança no futuro reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.



1945-1947 — Nos grandes comícios do período da legalidade, o PCB realizou um importante trabalho de educação política do povo, agitando em praça pública os problemas fundamentais do país.

Quando, em 24 de agosto, o imperialismo lançou tentou deter o avanço do movimento democrático através do golpe militar-fascista, as massas ganharam as ruas, impedindo a implantação de uma ditadura terrorista.

1954 — Os anos do governo reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.

Hoje, a luta continua. Novas tarefas, novas dificuldades, novos problemas — enfrenta o PCB. Sua voz se ergue contra os atentados à soberania nacional, em defesa das liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, pela paz mundial.

A existência do PARTIDO COMUNISTA à frente das lutas de nosso povo reforça nossa confiança no futuro reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.



Em milhares de comícios, palestras e sabatinas, Luiz Carlos Prestes e outros dirigentes comunistas levaram às massas a palavra do P.C.B.

Quando, em 24 de agosto, o imperialismo lançou tentou deter o avanço do movimento democrático através do golpe militar-fascista, as massas ganharam as ruas, impedindo a implantação de uma ditadura terrorista.

1954 — Os anos do governo reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.

Hoje, a luta continua. Novas tarefas, novas dificuldades, novos problemas — enfrenta o PCB. Sua voz se ergue contra os atentados à soberania nacional, em defesa das liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, pela paz mundial.

A existência do PARTIDO COMUNISTA à frente das lutas de nosso povo reforça nossa confiança no futuro reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.



Em milhares de comícios, palestras e sabatinas, Luiz Carlos Prestes e outros dirigentes comunistas levaram às massas a palavra do P.C.B.

Quando, em 24 de agosto, o imperialismo lançou tentou deter o avanço do movimento democrático através do golpe militar-fascista, as massas ganharam as ruas, impedindo a implantação de uma ditadura terrorista.

1954 — Os anos do governo reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.

Hoje, a luta continua. Novas tarefas, novas dificuldades, novos problemas — enfrenta o PCB. Sua voz se ergue contra os atentados à soberania nacional, em defesa das liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, pela paz mundial.

A existência do PARTIDO COMUNISTA à frente das lutas de nosso povo reforça nossa confiança no futuro reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.



Em milhares de comícios, palestras e sabatinas, Luiz Carlos Prestes e outros dirigentes comunistas levaram às massas a palavra do P.C.B.

Quando, em 24 de agosto, o imperialismo lançou tentou deter o avanço do movimento democrático através do golpe militar-fascista, as massas ganharam as ruas, impedindo a implantação de uma ditadura terrorista.

1954 — Os anos do governo reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.

Hoje, a luta continua. Novas tarefas, novas dificuldades, novos problemas — enfrenta o PCB. Sua voz se ergue contra os atentados à soberania nacional, em defesa das liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, pela paz mundial.

A existência do PARTIDO COMUNISTA à frente das lutas de nosso povo reforça nossa confiança no futuro reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.



Em milhares de comícios, palestras e sabatinas, Luiz Carlos Prestes e outros dirigentes comunistas levaram às massas a palavra do P.C.B.

Quando, em 24 de agosto, o imperialismo lançou tentou deter o avanço do movimento democrático através do golpe militar-fascista, as massas ganharam as ruas, impedindo a implantação de uma ditadura terrorista.

1954 — Os anos do governo reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.

Hoje, a luta continua. Novas tarefas, novas dificuldades, novos problemas — enfrenta o PCB. Sua voz se ergue contra os atentados à soberania nacional, em defesa das liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, pela paz mundial.

A existência do PARTIDO COMUNISTA à frente das lutas de nosso povo reforça nossa confiança no futuro reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.



Em milhares de comícios, palestras e sabatinas, Luiz Carlos Prestes e outros dirigentes comunistas levaram às massas a palavra do P.C.B.

Quando, em 24 de agosto, o imperialismo lançou tentou deter o avanço do movimento democrático através do golpe militar-fascista, as massas ganharam as ruas, impedindo a implantação de uma ditadura terrorista.

1954 — Os anos do governo reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.

Hoje, a luta continua. Novas tarefas, novas dificuldades, novos problemas — enfrenta o PCB. Sua voz se ergue contra os atentados à soberania nacional, em defesa das liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, pela paz mundial.

A existência do PARTIDO COMUNISTA à frente das lutas de nosso povo reforça nossa confiança no futuro reacionário de Dutra foram para

o Partido do proletariado irrompeu como uma força poderosa, das brumas da legalidade, onde o jogara o terror policial. Eles obtêm 100 por cento dos sufrágios, a situação de imensa igualdade em que se encontravam os grandes partidos das classes dominantes.



1935 — A insurreição nacional-libertadora marcou uma das etapas gloriosas na luta do povo brasileiro pela libertação nacional do jugo imperialista, pela liquidação dos restos feudais e pelas liberdades democráticas.

# Por Uma Maior Coesão das Forças do Socialismo à Base dos Princípios Marxistas-Leninistas

(Conclusão da Página 7)

entre nosso Partido e todos os demais partidos comunistas e operários irmãos. Falar agora, após o XX Congresso, de quaisquer influências de Stálin no P.C.U.S., que visariam a subjugar os partidos irmãos, significa simplesmente fechar os olhos à política realmente posta em prática em relação aos países socialistas. Essa política baseia-se nos princípios da completa igualdade de direitos, do respeito à integridade territorial, à independência e soberania nacional, não-interferência nas questões internas um do outro e está imbuida da aspiração a reforçar a amizade, a cooperação fraternal e a coesão entre todos os países do campo socialista, e do zelo por fortalecer a paz em todo o mundo.

A que apela, realmente, o camarada Tito em seu discurso? Marchar isoladamente? Cabe, então, perguntar: O que promete esse caminho, que vantagens oferece aos países socialistas? Não vemos nenhuma. Não pode aproveitar à causa da edificação da sociedade socialista um apelo que vise a separar-se dos demais países socialistas, de toda a família fraterna dos países socialistas. A fidelidade à grande bandeira do internacionalismo socialista, a coesão e unidade entre os que lutam pelo socialismo — é condição muito importante para o êxito de nossa grande causa.

## AS RELAÇÕES ENTRE OS PARTIDOS COMUNISTAS

A luz das exigências que nos impõe o internacionalismo socialista, não pode deixar de despertar surpresa o tom em que o camarada Tito considerou possível falar dos partidos comunistas e de seus dirigentes. Tito, sem qualquer razão, classifica de «stalinistas» todos os dirigentes de partidos irmãos do Ocidente e do Oriente que não concordam com seu ponto de vista, e, ao mesmo tempo, lhes atribui os traços mais negativos. A eles não se refere senão como «stalinistas empedernidos», «elementos irresponsáveis nos diferentes Partidos Comunistas», etc. Todo o discurso pronunciado em Pula abunda em ataques semelhantes dirigidos aos diversos comunistas. Escolhendo como tema de seus discursos a questão das relações entre os Partidos Comunistas, Tito no fundo não empreendeu uma polémica fraternal, não discutiu, mas ensinou, ou, mais exatamente, insultou uns ou outros dirigentes dos partidos comunistas e operários irmãos. O discurso não foi de forma alguma proferido no tom de palestra ou debate em pé de igualdade, com o devido respeito à opiniões diversas. No entanto, não há nenhum motivo para falar de «stalinismos» ou de «stalinistas», por que nosso Partido, assim como os demais partidos comunistas, defendeu e defende os princípios revolucionários do marxismo-leninismo.

É em particular inadmissível a atitude de desdém, expressa no discurso, para com um país como a Albânia, e seus dirigentes. Referindo-se aos camaradas albaneses, Tito emprega expressões grosseiras e ofensivas. Apesar disso sabemos que os dirigentes iugoslavos com frequência manifestaram-se em defesa da tese da igualdade de direitos entre os povos grandes e pequenos, do direito de cada qual possuir opinião própria e de defendê-la. Exigem comumente que ninguém pode pretender o monopólio na definição da verdade. No entanto, mal o camarada Enver Hodja escreve um artigo do desagrado dos camaradas iugoslavos, estes o cumlam de diatribes. É possível que o artigo pudesse ter

sido escrito de maneira diferente. Por que, porém, o camarada Hodja não pode possuir opinião própria, o direito de crítica exigido pelos camaradas iugoslavos?

Em seu discurso o camarada Tito permitiu-se intervir abertamente e nas questões do Partido Albanês do Trabalho. Igualmente sem cerimônia, Tito interviem nos problemas do Partido Comunista Francês, e nas questões de outros Partidos Comunistas, inclusive nas questões de nosso Partido, tentando dar a última palavra na análise da situação interna de nossos partidos e na atividade de seus dirigentes. A esse respeito o jornal «L'Humanité», órgão do Partido Comunista da França, escreve: «A escolha dos dirigentes é questão interna de cada Partido, e a interferência externa em tais questões só pode, como demonstrou o passado, prejudicar o movimento operário em seu todo». Não podemos deixar de concordar com essa justa observação.

Depois de tudo o que foi dito não é para admirar-se que o discurso do camarada Tito tenha sido acolhido nos círculos burgueses com júbilo. Como não lembrar aqui as palavras do velho militante do movimento operário, Augusto Bebel, que recomendava pensar sobre o ato que tenhamos praticado sempre que somos elogiados pelos nossos inimigos. Nossos adversários pressurosamente chegam agora a conclusões de que esse discurso é motivo de sérias divergências entre os comunistas soviéticos e iugoslavos, levando ao pioramento nas relações soviético-iugoslavos.

A quem não é claro que, em prol da causa comum dos partidos comunistas, é inadmissível desencadear rixas, passar a ataques mútuos e voltar à atmosfera de discordâncias relegadas ao passado graças a esforços mútuos? Os superiores interesses da causa da classe operária e os interesses do socialismo exigem insistentemente que cheguemos à compreensão mútua e a extirpação de tudo aquilo que acarrete conseqüências negativas para o reforço das forças do socialismo à base dos princípios marxistas-leninistas.

A cooperação entre o P.C.U.S. e a União dos Comunistas da Iugoslávia, como se afirma na declaração «As relações entre a União dos Comunistas da Iugoslávia e o Partido Comunista da União Soviética» deve basear-se no voluntarismo completo e na plena igualdade de direitos, na crítica amistosa, no caráter fraternal da troca de opiniões quanto às questões em litígios entre nossos Partidos. Sabe-se que no passado entre parte dos dirigentes da União dos Comunistas da Iugoslávia foram divulgadas concepções errôneas, em desacordo com a teoria marxista-leninista, sobre certos problemas importantes relativos à edificação do socialismo, e houve recuos em relação aos princípios do internacionalismo proletário. Empreendendo a aproximação com a União dos Comunistas da Iugoslávia, nosso Partido tinha em vista que a consecução da unidade de opiniões quanto a importantes questões ideológicas exigirá tempo considerável, porque quanto a vários problemas de ordem ideológica entre o P.C.U.S. e a U.C.I. havia e ainda há divergências.

Por sua vez, o P.C.U.S. continuará a realizar uma política de cooperação entre nossos partidos à base de princípios do marxismo-leninismo no interesse dos povos irmãos da U.R.S.S. e da Iugoslávia, em prol da defesa da causa da paz, da democracia e do socialismo. Estamos convictos de que hoje

mesmo as questões em litígio devem ser discutidas e esclarecidas numa atmosfera tranqüila e amistosa, por meio da troca fraternal de opiniões.

## UNIFICAR CADA VEZ MAIS TODAS AS FORÇAS DO SOCIALISMO À BASE DOS PRINCÍPIOS DO MARXISMO-LENINISMO

Os comunistas da União Soviética, assim como os comunistas de todos os países do mundo, reconhecem que numa situação em que a reação desenvolve uma violenta campanha contra as forças do socialismo e da

democracia, em que os elementos imperialistas e fascistas em muitos países empreendem ataques ferozes contra os comunistas, tentando levar a cisão no movimento comunista internacional, é indispensável maior coesão entre todas as forças do socialismo à base dos princípios marxistas-leninistas, à base dos princípios do internacionalismo socialista.

Os subtítulos são da responsabilidade da redação de VOZ OPERÁRIA.

## O NOVO ESTADO DE GHANA

Um novo estado independente — Ghana — nasceu a 6 de março na África Ocidental, e a bandeira nacional vermelha, amarela e verde foi pela primeira vez hasteada na antiga colônia britânica da Costa de Ouro.

Dezenas de milhares de africanos comemoraram o acontecimento no centro da colorida cidade de Accra, brilhantemente iluminada, entregues ao canto e à dança. Cerimônias idênticas realizaram-se ao mesmo tempo, aos milhares, em outras cidades e localidades do país.

Representantes de 60 países, entre os quais a China, a União Soviética, a Índia, e numerosos países africanos e asiáticos, estiveram presentes e tomaram parte nas celebrações.

O primeiro ministro Nkrumah, ao sair da sessão do parlamento, à meia noite, foi carregado entusiasmadamente nos braços da multidão.

«Não somos mais uma colônia, mas um país independente», declarou ele então. «Ghana está livre para se representar!» E colocou-se à frente do povo, cantando pela primeira vez o hino nacional do país.

O novo estado de Ghana continuará dentro da «Commonwealth» britânica, mas adotará uma política independente orientada em primeiro lugar pelos interesses do povo e «baseará sua política externa em 3 palavras: dignidade, paz e amizade», afirmou ainda o Sr. Nkrumah. «O país não se afiliará a nenhum grupo particular de potências, nem a nenhum bloco político» e «dirigirá seus esforços para promover o avanço de todos os povos africanos em sua luta pela liberdade e pelo progresso social».

## REPULSA NACIONAL

(Conclusão da 5.ª pág.)

Praça da Sé, a que compareceu considerável massa popular aplaudindo os parlamentares de vários partidos e figuras representativas do povo paulista. Também nos comícios eleitorais, do pleito municipal em curso, os oradores se manifestam sobre o grave problema. Os três candidatos à Prefeitura fizeram declarações contra a entrega de Fernando de Noronha. A Comissão Paulista está organizando uma série de caravanas que se dirigirão à Capital da República, sucedendo-se em visitas à Câmara e ao Senado. Além disso serão organizadas delegações aos municípios do interior do Estado assim como serão designados líderes políticos, sindicais e universitários paulistas para integrarem as caravanas que virão do Rio de Janeiro para percorrer São Paulo.

Pela sucessão de manifestações e iniciativas vemos que se avoluma a onda nacional de repulsa à capitulação governamental no caso de Fernando de Noronha. Dentro em breve todo o povo brasileiro estará protestando e exigindo a revogação do vergonhoso ato de alienação de nossa soberania.

## Notícias Sindicais dos Estados

Conclusão da 2.ª página

### LUTAM POR AUMENTO DE SALÁRIOS OS MINEIROS DE CONS. LAFAIETE

Importante assembléia realizou-se, nos primeiros dias de março, no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Ferro e Metais Básicos (Morro da Mina). Entre os diversos assuntos tratados, foi aprovada uma proposta a ser entregue à Cia. Meridional de Mineração, reivindicando aumento de salário e do abono de família, bem como alteração nas condições de trabalho dos «tarefeiros».

Antes que terminasse o acordo firmado entre a Cia. e os trabalhadores, no próximo dia 24 de março, o Sindicato realizou inúmeras reuniões com os operários, por seções de trabalho, recolhendo então a opinião dos mesmos, sobre as cláusulas do contrato. Na base dessa consulta, pôde o Sindicato apresentar uma proposta que expressa as aspirações da quase totalidade de seus associados.

É o seguinte o plano de reivindicações aprovado pela assembléia:

- 1) — Aumento geral de 60% dos salários; 2) — elevação do abono de família a duzentos e cinquenta e um cruzeiros (igual ao da Cia. Siderúrgica Nacional); 3) — fixação, dentro do aumento geral, de salário profissional para os maquinistas e oficiais diversos, em três categorias e 4) — transformação dos tarefeiros em diários.
- Foi aprovado também que o horário de trabalho será de 7 às 16 horas e de acordo com a hora oficial.

## I CONGRESSO SINDICAL

### DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Está marcada para 6 de abril próximo a instalação do I Congresso Sindical do Estado de Minas Gerais. Seu teorário é o seguinte:

- a) — Previdência Social, reforma da Previdência Social e Lei Orgânica da Previdência Social; b) — Condições de Trabalho — contratos coletivos de trabalho, estabilidade do trabalhador e do dirigente sindical e insalubridade; c) — Legislação do Trabalho — Reforma da CLT; d) — Lei Sindical — liberdade e autonomia sindicais; e) — Condições de vida — carta econômica do trabalhador — combate à carência de vida — problemas econômicos.

Intensos preparativos vêm sendo realizados pela Comissão organizadora: no decorrer do mês de março, todas as Federações, Sindicatos e Associações Profissionais realizarão eleições para escolha dos delegados ao Congresso. No dia 24 de fevereiro, uma importante concentração sindical teve lugar em São João Del Rey, com o objetivo não só de discutir a realização do I Congresso, mas também problemas ligados ao IAPI, Delegacia do Trabalho e a criação da Agência do SAPS. Naquela cidade encontraram-se diretores dos Sindicatos de Barbacena e São João Nepomuceno, de Juiz de Fora, além de uma grande caravana, que seguiu de Belo Horizonte. Essa assembléia reuniu cerca de 800 pessoas e debateu importantes problemas de interesse dos trabalhadores.

## CONSTITUÍDA A COMISSÃO

### PRÓ-CLASSIFICAÇÃO DE CARGOS

A Seção Metropolitana da União Nacional dos Servidores Públicos (UNSP) acaba de criar a Comissão Pró-classificação de Cargos e Funções, de acordo com resolução aprovada pela assembléia geral de 15 de fevereiro.

Essa Comissão está constituída pelas mais representativas associações de servidores e se propõe organizar palestras, conferências e debates, sobre o Plano de Classificação.

## MULHERES DE FERROVIÁRIOS EM DEFESA DE SEUS LARES

Uma comissão de esposas de ferroviários da Cia. Vale do Rio Doce acaba de lançar um manifesto, em protesto contra a tentativa do chefe do controle da Cia, de diminuir o número de gêneros dos armazéns de abastecimento, para apenas 25 qualidades. Seria essa uma medida injusta, pois os ferroviários nada devem aos armazéns (são descontados em folha), e que obrigaria as donas de casa a adquirir os gêneros não encontrados nos armazéns, por um preço muito mais elevado.

O manifesto conclama todas as mulheres de ferroviários e as funcionárias a enviar seus protestos e organizar comissões que se dirijam ao Sindicato e ao Superintendente da Cia.

## RESOLUÇÃO DO COMITÊ DE . . .

(Conclusão na segunda página)

lidade do que vai pelas bases de nosso Partido, e racionando à «luz» da ideologia de nossos inimigos de classe, com suas atividades e opiniões, procuram de maneira artificial criar uma «crise de direção», o que não existe. Cheios de ardor revolucionário, conclamamos ao nosso querido CC a que segure vigorosamente em suas mãos o leme de nosso Partido. Comandem, camaradas. Os erros por vocês cometidos não os diminuíram ante nossos olhos e nossos corações. Com a arma revolucionária da crítica e da autocrítica, estamos dispostos a ajudar ao Partido, criticando os erros de nosso CC e fazendo autocrítica de nossos erros. Queremos, porém, construir e não destruir. Queridos camaradas: Sabemos também que alguns camaradas procuram jogar a responsabilidade de nossos erros sobre os ombros de alguns camaradas. É claro que nos erros cometidos pelo Partido, uns tem mais e outros menos responsabilidades. É claro que as responsabilidades individuais devem ser definidas, mas somos contra a que se procure um «cristo» para responsabilizá-lo por todos os erros de nosso Partido. Quem mais errou foi aquele que mais trabalhou e quem cometeu os erros mais sérios foram os que tinham mais responsabilidades. Isto é uma coisa lógica. Somos radicalmente contrários a que, no momento, se façam modificações no CC, no Pre-

sidium e no secretariado do CC, por motivo dos erros do passado. Achamos que somente ao futuro V Congresso de nosso Partido caberá fazer as mudanças que julgar justas, úteis e necessárias.

Queridos camaradas: Rogamos encarecidamente que comuniquem aos demais CCEE e às bases de nosso Partido os nossos pontos de vista expostos acima pois julgamos útil e necessário o pronunciamento das bases do Partido ante assuntos tão sérios. Pedimos ao Presidium do CC que, se possível, seja tornado público através da imprensa, este documento. Queridos camaradas: Rogamos que aceitem as nossas fraternas saudações. Pedimos que levem ao nosso querido líder e chefe LUIZ CARLOS PRESTES, o nosso fraternal abraço e que lhe digam que estamos mais firmes e mais unidos do que nunca em torno de nosso CC e de sua pessoa, por todos nós tão querida e amada.

Obs: Este documento foi aprovado pela unanimidade dos membros do comitê, e reflete a opinião da totalidade dos militantes do Partido na Carris.

O Comitê de Empresa da Carris, do C. R. do Rio, do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.  
FEVEREIRO DE 1957.

# BOLETIM DE DEBATE

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATUAL DEBATE NO PARTIDO

O XX Congresso do P.C.U.S., ao sistematizar cientificamente a experiência adquirida pelo movimento comunista, democrático e pela paz, no curso dos últimos anos, chegou a conclusões que constituem importante ajuda para todos os comunistas. O XX Congresso do P.C.U.S. foi um sério estímulo para a elevação do trabalho ideológico em todos os partidos comunistas que, desde então, com mais intensidade passaram a dedicar-se ao trabalho ideológico, à aplicação criadora dos princípios do marxismo-leninismo.

Para nosso Partido, que desde sua fundação luta pela assimilação criadora do marxismo-leninismo e que — apesar das inúmeras dificuldades motivadas, principalmente, pelo nosso baixo nível teórico e pela subestimação do estudo da realidade do Brasil à luz da teoria — nesse caminho vem conquistando êxitos como os materializados no I programa e nos Estatutos do Partido, o XX Congresso significou poderoso farol a iluminar toda uma série de erros e debilidades que, uma vez sanadas, possibilitarão ao Partido avançar mais rapidamente.

A discussão ora em curso entre os comunistas em nosso país, a propósito dos ensinamentos do XX Congresso, que se realiza tendo em conta a nossa própria experiência, conduzirá, sem dúvida, à correção dos erros e deficiências existentes no nosso trabalho, ao fortalecimento do Partido. Neste sentido, muito temos aprendido com as críticas, sugestões, interrogações, etc., que surgem no processo da discussão. Sem possibilidades de entrar no debate antes, pretendo d'oravante participar ativamente opinando sobre as questões em debate.

Dedico o presente artigo à questão sobre as condições de agravamento da luta de classes em que se realiza o atual debate.

No desenvolvimento da situação internacional, no último ano, verificaram-se mudanças consideráveis. A tendência ao alívio da tensão internacional iniciada com a Conferência de Genebra choca-se com a resistência cada vez mais tenaz das forças tenebrosas do imperialismo. Alarmados com o progressivo fortalecimento dos países socialistas e com as perspectivas abertas pelo XX Congresso do P.C.U.S. para o desenvolvimento ainda maior do movimento comunista, alarmados pelos acontecimentos no Oriente Próximo que se levanta na luta pela independência nacional, os imperialistas anglo-franco-americanos resolveram organizar uma provocação política de âmbito mundial, visando deter o inexorável processo ascendente do socialismo, do movimento de libertação nacional e pela paz. Os marcos mais importantes dessa provocação são o ataque armado das potências ocidentais contra o Egito, a tentativa da contra-revolução de desencadear na Hungria um golpe fascista e a intensificação da perseguição aos partidos comunistas nos países capitalistas.

A agressão contra o Egito foi acompanhada pela tentativa de derrubar o governo democrático da Indonésia, coincidiu com o complô imperialista contra o governo sírio e com a intensificação da guerra contra a Argélia. Ao centralizarem o golpe principal contra o Egito, que é o mais importante país do Oriente Próximo, os organizadores da aventura contavam derrotá-lo facilmente e iniciar assim, uma viragem nessa região.

Como é sabido, erraram nos cálculos. A derrota dos agressores no Egito revelou a força invencível do movimento de libertação nacional, assim como, a fraqueza dos imperialistas. Mostrou o crescente isolamento político e moral dos agressores na arena internacional. Face à agressão uniram-se ainda mais os povos do Oriente e, na O.N.U. 64 dos 70 países participantes manifestaram-se contra a agressão, o que indica o debilitamento das posições políticas dos colonizadores. Como resultado do fracasso da intervenção armada contra o Egito agravou-se a situação econômica e política nos países do agrupamento agressor, que entraram em regime de racionamento do petróleo e seus derivados. Como se sabe «... quem caiu não foi o presidente Nasser, mas o chefe do governo britânico Anthony Eden.»

A prolongada e aguda luta entre os monopólios americanos e seus rivais europeus pelo petróleo e as posições estratégicas do Oriente, com a intervenção anglo-francesa contra o Egito, determinou um brusco agravamento das contradições do bloco anglo-americano, demonstrando o que representa a solidez, a amizade e a colaboração no campo do imperialismo. Por outro lado, o prestígio da União Soviética e do campo socialista se fortaleceu extraordinariamente. A posição da União Soviética apoiando sem reservas o povo egípcio foi decisiva para paralisar os agressores. Basta recordar que a suspirada para paralisar os agressores. Basta recordar que a suspirada do fogo verificou-se horas após à enérgica nota do governo soviético aos governos da Inglaterra, França e Israel.

Embora sofressem no Egito severa derrota política e moral, os agressores prosseguem em suas ameaças e a situação continua grave, já agora, em face da chamada «Doutrina Eisenhower», cujos objetivos são conhecidos.

Outro elo da provocação urdida pelo imperialismo e que coincidiu com os acontecimentos no Egito, foi a tentativa contra-revolucionária e fascista na Hungria. Procura-se amarrar as mãos da União Soviética, de modo a impedi-la de agir a favor do Egito. Mas o fundamental era assestar um golpe armado contra os países socialistas e criar as condições para deflagrar a terceira guerra mundial.

E' claro que também aqui os cálculos da reação internacional foram frustrados. A União Soviética atendendo ao apelo do governo magiar, cumpriu o seu dever para com os

LUIS TELES

povos de todo o globo terrestre e, juntamente com o povo húngaro, repeliu a contra-revolução, impediu a restauração do capitalismo e do fascismo e defendeu as conquistas socialistas da Hungria.

Muito se têm falado e escrito sobre as causas que possibilitaram os sucessos ocorridos naquele país. São muitas as lições que devemos extrair e, entre elas:

1) — Aonde pode conduzir a subestimação das exigências de construção de um Partido marxista-leninista. Os acontecimentos mostraram que os erros na construção do Partido constituem o gérme de sérias consequências. O Partido dos Trabalhadores Húngaros violou a exigência marxista-leninista de que o Partido Comunista deve ser o destacamento de vanguarda da classe operária, que a classe operária não precisa de um Partido qualquer, mas de um Partido combativo, de comunistas ativos e não de vacilantes e oportunistas. Que o Partido separado das massas, que não conhece as necessidades do povo, está condenado ao fracasso. O sucedido revela que, quando na direção não há unidade, o Partido torna-se incapaz de superar as dificuldades na luta pelos interesses da classe operária e do povo, não pode cumprir o seu papel histórico.

2) — Os acontecimentos na Hungria revelaram ao que conduz a subestimação do trabalho ideológico dentro do Partido e entre as massas. Os camaradas húngaros não viram que o maior perigo estava no nacionalismo, até que profundidade este chegara a dominar no Partido e em alguns setores do povo. Não souberam contrapor ao nacionalismo revanchista, inculcado nas massas durante mais de 20 anos da ditadura fascista de Horty, o internacionalismo proletário. Concederam ampla liberdade aos nacionalistas para que desenvolvessem sua propaganda através da União dos Escritores, do Grupo Petoefi e de vários jornais. Os redatores de muitos jor-

nais atçavam, impunemente, as massas à ofensiva nacionalista. Inclusive os redatores de jornais do Partido escreviam o que entendiam e não o que o Partido lhes determinava.

Dar a máxima atenção ao trabalho ideológico, controlar a imprensa do Partido, combater o nacionalismo burguês — eis outra lição.

3) — Os acontecimentos na Hungria ensinam que os comunistas necessitam da vigilância como do próprio ar. Mas os antigos dirigentes do Partido dos Trabalhadores Húngaros não levaram em conta que depois da derrota do fascismo, restou no país grande quantidade de oficiais e quadros fascistas. Não viram que estes ingressaram no exército na Academia Militar, que decompunham o exército atuando em seu seio. Não observaram que nas fronteiras do país, na Áustria e Alemanha Ocidental, concentravam-se forças contra-revolucionárias à espera do momento para o golpe, nem que entre a intelectualidade e os estudantes o estado de ânimo não era são. Entregaram-se a uma excessiva tranquilidade política, deixando de realizar a luta de classe contra o inimigo. Não aniquilaram o inimigo e este atacou. Na verdade o socialismo não se defende com luvas brancas, o inimigo deve ser tratado como tal. Os camaradas húngaros esqueceram isso e sofreram as consequências.

4) — A ofensiva da contra-revolução apanhou completamente desprevenidos os dirigentes do Partido, que perderam a serenidade e não sabiam o que fazer. No governo de Nagy predominou a tática das concessões. Disso aproveitou-se o inimigo. Nagy realizava uma concessão e a contra-revolução exigia duas, retrocedia um passo e a contra-revolução exigia três. A perspectiva do governo Nagy só podia ser um fracasso, devido à sua política de conciliação. O exemplo de Nagy revela o que ocorre com os dirigentes, quando, perdendo o vimento comunista — a invencível e gloriosa União Soviética, rumo, vacilam e deixam escapar as rédeas das mãos — chegam, concientemente ou não à traição. A conciliação com o inimigo leva à capitulação e à traição.

Conclui na Página 12

## Sobre o Caráter do Capitalismo de Estado

I

RUI FACÓ

desenvolvimento econômico socialista, que se realizaria mesmo nas atuais condições brasileiras.

Armando Lopes da Cunha considera perfeitamente possível afirmar, do ponto de vista marxista, que a propriedade social surge e se desenvolve sob as condições do capitalismo e, para corroborar a sua tese, se vale de algumas citações das obras de Lênin. Como, porém, tais citações, na verdade, são opostas à tese do articulista, este entretece uma absurda confusão teórica e desliza para o terreno inaceitável dos sofismas.

Antes de passar adiante, é necessário deixar claro que Armando Lopes da Cunha toma a expressão «propriedade social» no sentido de propriedade de tipo socialista e não em outro qualquer. A propriedade social, seja de toda a sociedade ou apenas de um determinado grupo, só pode ser aquela que se harmoniza com os interesses gerais da sociedade, em última análise, com os interesses gerais das massas trabalhadoras. A propriedade capitalista, seja privada, individual, seja de grupo (como nas sociedades anônimas) ou estatal, é sempre uma propriedade a serviço de uma minoria exploradora, em antagonismo com os interesses gerais da sociedade. Feito este esclarecimento, coloquemos, a seguir, uma pergunta indispensável.

Como consideraram os clássicos do marxismo a questão do capitalismo de Estado?

Antes de Lênin, vejamos o que disse Engels.

Sem ter chegado a caracterizar o imperialismo como fase suprema do capitalismo, Engels, nos últimos anos de sua vida, percebeu as profundas modificações que se operavam na economia dos principais países capitalistas. Isto transparece, sobretudo, das últimas páginas de sua obra «Do socialismo utópico ao socialismo científico». Engels assinalou que, como resultado da concentração e da centralização da produção e do capital, havia-se elevado a tal ponto o caráter social das forças produtivas sob o capitalismo, que a própria classe capitalista já era obrigada «a tratá-las cada vez mais abertamente como forças produtivas sociais, no grau em que isto é possível dentro das relações capitalistas» («Obras Escolhidas», Marx e Engels, vol. II, pág. 136, Edição de Moscou, de 1952).

«Nos trustes, — disse Engels — a livre concorrência se muda em monopólio e a produção sem plano da sociedade capitalista capitula ante a produção planejada e organizada da nascente sociedade socialista. Claro está que, momentaneamente, em proveito e benefício dos capitalistas. Mas, aqui a exploração se faz tão patente que tem forçosamente de desmoronar. Nenhum povo toleraria uma produção dirigida por trustes, uma exploração tão descarada da coletividade por uma pequena quadrilha de cortadores de cupões.» (Idem, pág. 137).

Engels é, pois, perfeitamente claro ao estudar o duplo e antagônico processo que se verifica sob o fenômeno dos trustes.

Conclui na Página 13

Eu não pretendia...  
acompanhando...  
a discussão pela imprensa...  
verifiquei que há pontos...  
de vista errôneos que se re-  
petem insistentemente em  
artigos e documentos, o que  
causa sua larga difusão em  
alguns setores do Partido  
[mostrarei adiante que isso  
não é casual]. Verifiquei  
[também] relendo meu arti-  
go «O desenvolvimento eco-  
nômico do Brasil e o impe-  
rialismo» (Voz Operária nº  
400, de 19/1/57) que nele  
também estavam contidos  
erros graves o que me obriga  
a uma tomada de posição  
imediatamente.

O meu artigo trata do  
desenvolvimento da produ-  
ção industrial no Brasil e  
creio que demonstro com  
côpiosos dados que em todos  
os setores fundamentais da  
produção e em muitos secun-  
dários esse desenvolvimento  
é rápido, mais rápido do  
que em qualquer período do  
passado recente. Em meu  
artigo, que eu pretendia que  
fosse o primeiro de uma série  
provo que o Brasil não está  
parado (do ponto de vista  
econômico) nem se atrasando  
ou decompondo, mas ao  
contrário, progredindo.

O certo porém é que apesar  
de algumas ressalvas  
contra o ufanismo da bur-  
guesia, da tentativa de uma  
análise serena e equilibrada  
e da ressalva final de que  
é necessário ver a quem serve  
esse desenvolvimento, o  
artigo todo revela satisfação,  
entusiasmo mesmo no comba-  
te a tese errônea do Pro-  
grama, entusiasmo pelo de-  
senvolvimento capitalista, sem  
analisar algumas questões  
que interessam fundamen-  
talmente a um comunista e  
em primeiro lugar qual a  
vantagem desse desenvolvi-  
mento para o proletariado,  
qual o seu conteúdo de classe,  
quais as suas consequências  
para a revolução. Não anali-  
sando até as últimas conse-  
quências as teses levantadas,  
não fica claro em meu artigo  
qual a minha posição.

Podemos compreender  
melhor o que há de errado  
nisto, onde pode levar essa  
análise superficial, que por  
exemplo, examinamos a  
«Declaração do CR do Ceará»  
(V.O. nº 393, 24/9/56),  
o artigo de Caio Gabriel  
(V.O. nºs 395 e 396, de 8 e  
15/12/56) ou os artigos de  
Fernando Lacerda, espe-  
cialmente o publicado na I.P.  
de 24/11/57, em que essa  
exaltação do desenvolvimen-  
to capitalista é levada às  
últimas consequências. Va-  
mos apenas examinar alguns  
aspectos desses documentos,  
para tirarmos uma conclu-  
são, pois a análise detalhada  
é autocrítica, façam-na  
seus autores, se o quiserem.

Na declaração do C.R. do  
Ceará, da «industrialização  
e avanço no sentido capita-  
lista» e de «algumas medi-  
das em defesa da economia  
e da soberania nacionais»  
tomadas pelos governos Var-  
gas e Kubitschek, concluem  
os camaradas que «ao con-  
trário do que afirma o Pro-  
grama — é possível alcan-  
çarmos a independência na-  
cional sem a derrubada vio-  
lenta do governo e mesmo  
dentro dos limites do atual  
regime».

O camarada Caio escreve  
a seu modo o desenvolvi-  
mento capitalista que se  
processa no Brasil e a luta  
da burguesia contra os impe-  
rialistas e os latifundiários  
e de um esquema de disposi-  
ção de forças de classe, to-  
do é subjetivista, baseado  
em suposições com um far-  
to emprêgo de palavras dú-  
bidas como possivelmente,  
talvez, parecem indicar, para  
concluir: «Somam-se assim  
duas poderosas forças — a  
burguesia e o proletariado  
— na frente de luta comum  
contra o inimigo comum —  
os imperialistas norte-ameri-  
canos e os grandes latifundis-  
tários».

# O Objetivismo Burguês no Exame Do Desenvolvimento Econômico do Brasil

LUIS CÂMARA

Considera formada uma «frente nacionalista» e «antientreguista», da qual participam: «a burguesia como classe, o proletariado, setores da classe média, da intelectualidade progressista e de latifundiários, principalmente pequenos e médios (os grifos são meus — L. C.)». Finalmente, lemos no artigo de Caio: «creio que nas atuais condições do Brasil e do mundo é possível ao proletariado marchar em aliança com a burguesia e outras camadas, sem submetê-las à sua hegemonia. Também não é necessariamente obrigatório que a burguesia submeta o proletariado». (O grifo é meu — L. C.)

Não continuarei a citar formulações desse tipo, do camarada Caio, quase seria necessário transcrever seu artigo para citá-las todas e as citadas bastam para caracterizar o seu pensamento.

Quando ao camarada Fernando, deixo de lado tudo o que diz sobre a situação mundial — a meu ver revelando profundíssimas incompreensões — e cito apenas a parte nacional. Parte da premissa de que é o imperialismo norte-americano o principal inimigo, de que os outros imperialismos têm posição útil à luta do povo contra o norte-americano e que tem interesse em agradar às «classes nacionalistas» para irem «montando sua tendinha». E ainda de que o povo quer, em sua maioria, é sair das terríveis dificuldades em que se encontra da miséria e da fome «o mais pacificamente possível», motivo pelo qual «acompanha ainda fielmente as promessas e planos do «nacionalismo reformista burguês». Uma parte do povo, diz ele «sobretudo de suas camadas médias mais ativas» ainda confia nos «putches» militares «salvadores» e só uma reduzida minoria acompanha o Partido. Daí conclui que a atual etapa «da luta democrática e libertadora de nosso povo»: «é a etapa do desenvolvimento econômico livre e pacífico de nosso país, da união nacional de todas as forças democráticas e patrióticas».

Creio que bastam essas citações para mostrar que todos esses documentos têm uma linha comum, linha que também existe em meu artigo citado, embora muito menos clara. Essa linha é, no fundo, a aceitação de que o Brasil passa atualmente por uma revolução burguesa, sob a direção da burguesia, de que uma parte dos imperialistas participa dessa revolução aceitando a direção da burguesia brasileira e facilitando a luta contra o imperialismo norte-americano e de que o papel do proletariado é apoiar a burguesia no desenvolvimento capitalista abdicar de uma posição independente de classe e pôr-se a reboque da burguesia.

Não por acaso, na própria definição da etapa atual da revolução brasileira, os documentos do C.R. do Ceará e do camarada Fernando evitam cuidadosamente a formulação clássica «etapa da revolução» para dizerem «etapa atual da luta pela independência nacional» (C.R. do Ceará) e «1ª etapa atual da luta democrática e libertadora de nosso povo» (Fernando). É que as posições contidas nos documentos analisados não são revolucionárias, não refletem os interesses do proletariado, são

quando muito, posições democrático-burguesas.

Essas posições em grande medida, decorrem da aplicação do objetivismo burguês como método de análise, que interpretando a necessidade do desenvolvimento do capitalismo, examinando esse desenvolvimento concreto esquece que seu surgimento tendo sido uma necessidade histórica, também é necessária a sua morte, a sua substituição revolucionária pelo socialismo. Enquanto que o objetivismo burguês, reconhecendo a necessidade objetiva do desenvolvimento capitalista, procura exaltá-lo e leva o proletariado a renunciar à luta contra ele, o materialismo proletário procura compreender o processo real, que se desenvolve em cada lugar, para encontrar as melhores formas, aquelas que menos façam sofrer ao proletariado e às massas populares de avançar para o socialismo. Por isso, as posições contidas nos documentos citados não estão de acordo com os interesses de classe do proletariado, mas da burguesia e até do imperialismo, como veremos a seguir.

Em meu artigo formulo uma tese, a 3ª, onde se lê: «A participação dos imperialistas norte-americanos é muito maior do que a dos outros (participação no crescimento da produção industrial no Brasil) e tem mesmo grande preponderância, mas não é tanto que possamos dizer que nosso país está sendo reduzido à condição de colônia norte-americana.» Esta tese está errada e é perigosa, por vários motivos. Em 1º lugar, o problema de estar ou não o Brasil sendo reduzido à condição de colônia, não é apenas econômica e, muito menos, uma questão de saber-se se são grandes ou pequenos os investimentos norte-americanos na indústria no Brasil. O problema é tam-

bém essencialmente político, problema de subordinação do aparelho de Estado brasileiro aos monopólios norte-americanos e também um problema de domínio da nossa vida cultural e social. A dominação econômica da base e conteúdo à dominação política, mas esta é necessária para garantir aquela. E a verdade é que, tanto no terreno econômico como no político, os monopolistas norte-americanos detêm posições importantíssimas que de modo algum podemos subestimar e, se arrefecer a luta do povo — Fernando de Noronha é um exemplo — sua investida colonizadora pode ser bem sucedida por um certo tempo. Daí a profunda estranheza com que lemos na Declaração do CR do Ceará que «a nossa posição relativamente ao capital norte-americano deve ser não no sentido de confiscá-lo, mas de liquidar com os seus privilégios».

Minha formulação está errada ainda, e nisso os camaradas do Ceará, Caio e Fernando avançam ainda mais, porque do processo de penetração imperialista no Brasil e especialmente dos capitais europeus, só vemos o secundário, a contribuição para o desenvolvimento da economia brasileira, da industrialização, sem vermos o fundamental, o típico, que é a rapina, o saque da riqueza nacional que o imperialismo vem fazer no Brasil. Sim, pois o imperialismo só instala indústrias no Brasil na medida em que possa auferir grandes lucros, maiores do que no país de origem e só acidentalmente, por necessidade sua contribui para o desenvolvimento de nossa economia (a Light, por exemplo, chegou em 1918 com 10 milhões de dólares, em carta

de crédito, e já levou mais de 1 bilhão de dólares para fora de nossas fronteiras).

É claro que, apesar disso, não podemos ignorar que em consequência principalmente da derrocada do sistema colonial do imperialismo, o Brasil ainda é um dos poucos mercados de investimentos considerados seguros e por isso há uma verdadeira corrida dos imperialistas de vários países para o Brasil, a pretexto de ajudar o seu desenvolvimento. Com isso as contradições inter-imperialistas no Brasil sofrem um aguçamento extremo, o que deve ser aproveitado o que aliás, está bem claro na fundamentação do Programa do Partido, aprovado pelo IV Congresso.

Cabe-nos aqui examinar mais algumas das teses burguesas reboquistas dos documentos citados e algumas teses do Programa do Partido que os camaradas tanto atacam, sem examinar o que têm de correto. Procuraremos resumir, examinando apenas de modo sucinto, as questões essenciais do momento que são, a meu ver, as que constituem a essência do Programa, inteiramente justa: o caráter da revolução em sua atual etapa, a questão da concentração no imperialismo norte-americano, a questão agrária e camponesa, a da burguesia nacional e a do regime político pelo qual lutamos.

O Programa caracteriza a Revolução brasileira em sua atual etapa como sendo uma revolução democrática popular, de cunho anti-imperialista e agrária antifeudal. É uma revolução contra os imperialistas norte-americanos e contra os restos feudais.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE...

Conclusão da Página 11

Uma vez que, apesar dos erros cometidos no terreno econômico pelos antigos dirigentes, a situação econômica das massas, principalmente do campesinato, não era inferior à dos demais países de Democracia Popular, estas são, segundo penso, as lições essenciais dos acontecimentos na Hungria para os comunistas.

O golpe da contra-revolução na Hungria foi o sinal para o desencadeamento da campanha de perseguição contra os Partidos Comunistas. São conhecidos os atos de terrorismo sofridos pelos Partidos Comunistas da Itália e da França, cujas sedes de seus respectivos Comitês Centrais e locais dos jornais foram assaltadas por bandos fascistas. Mas, não só métodos terroristas, outros meios são também utilizados. Estamos diante de uma ofensiva em toda a linha, do imperialismo e da reação interna em cada país; contra o movimento comunista que está submetido à tremenda pressão ideológica do inimigo. Dita ofensiva objetiva fundamentalmente:

1) — Minar a fé da classe operária na União Soviética, no P.C.U.S. e nos seus dirigentes. Minar a confiança da classe operária no socialismo. Para isso, aproveitando-se dos erros denunciados pelo 20º Congresso do P.C.U.S. ligados ao culto da personalidade de Stálin e deturpando os acontecimentos na Hungria, deflagraram uma campanha de calúnias sem precedentes, visando denegrir a União Soviética, negar as grandiosas realizações do poder soviético e fazer desaparecer diante das massas as diferenças de classe entre o Estado Soviético e os estados capitalistas.

2) — Dividir o movimento comunista e operário no âmbito intranacional... especular com o chovinismo, com os sentimentos estreitos do nacionalismo — «comunismo nacional» — e algumas sobrevivências de inimizade nacional, a fim de minar e cindir a unidade dos países socialistas, separar os países de Democracia Popular da União Soviética, para depois liquidá-los um a um. Separar e isolar os partidos comunistas, um do outro e, principalmente, em relação ao P.C.U.S. — eis o desejo dos imperialistas.

3) — Semear o desconcerto dentro dos partidos comunistas, ativar ciúbes e minar por dentro a unidade, visando o seu desmoronamento.

Neste sentido, especulando com os erros e insuficiências, relacionados com o período do culto à personalidade de que cada Partido, em maior ou menor escala se ressentiu, os imperialistas — utilizando em sua ofensiva, não só as forças que lhe estão organicamente ligadas, como também, as forças que ideologicamente coincidem com seus propósitos e, inclusive, aqueles elementos que, atuando no movimento comunista, não têm posição firme e vacilam diante da pressão ideológica do inimigo — tentam dividir os comunistas entre os chamados «stalinistas» que defendem o «velho», e os «anti-sta-

linistas» que combatem o «velho», defendem o «marxismo-criador», lutam pela «humanização do Partido», etc. etc.

Na prática, pregam e incitam à luta contra as direções dos partidos, a pretexto de que estão evadidas de «stalinismo» e são incapazes de compreender o «novo». Procuram comprometer e desmoralizar, diante das organizações e membros do Partido, os dirigentes que ocuparam posições responsáveis no período anterior ao 20º Congresso do P.C.U.S. Com esse objetivo, de forma não histórica, nem auto-crítica, mas, unilateral, focalizam a atividade dos partidos e exageram os erros e insuficiências existentes, para negar e obscurecer toda a atuação anterior dos partidos e de seus dirigentes. Tomam posição nihilista e portanto, anticientífica.

Na verdade, os taxados de «stalinistas», são os que carregaram nos ombros a carga mais pesada no período da construção do Partido. São os que hoje, juntamente com os novos quadros, defendem o Partido contra a ação dos inimigos do proletariado.

Afirmando que o leninismo envelheceu, ou que, foi um fenômeno próprio às condições da Rússia, não aplicável às condições particulares de outros países, os imperialistas estimulam o revisionismo e desfecham o ataque, em essência, contra as bases e os princípios do Partido. Defendem a tese de que o centralismo-democrático já envelheceu, de que a exigência leninista da bolchevização dos partidos, já não corresponde às novas condições históricas, etc. etc. Explicam que o princípio do centralismo-democrático é um produto de condições puramente russas. A Rússia, dizem, era um país atrasado, bárbaro e dependente, não possuía uma grande indústria, nem uma cultura elevada; o povo russo, continuam, estava habituado a subordinar-se ao tzarismo e foi sobre esse terreno, de falta de tradição democrática, que surgiu o centralismo-democrático como princípio. E concluem: O centralismo-democrático era inteiramente justo para a Rússia, para o P.C.U.S., mas é inaplicável nas condições dos países altamente industrializados, de profundas tradições democráticas e cujos povos são congênitamente de boa índole, etc. etc.

Portanto, substituição dos «velhos» por «novos» quadros, dos «velhos» por «novos» princípios e etc., é o que exigem. Fica claro, que o seu objetivo é descaracterizar o Partido, afastando-o dos comprovados princípios marxistas-leninistas.

Assim, estamos sob o fogo intenso da reação. Isso não revela força, mas desespéro dos inimigos do socialismo, diante do inexorável desenvolver do processo histórico. A ofensiva está sendo desbaratada. Os imperialistas foram derrotados no Egito e na Hungria. Os países que constroem o socialismo, todos os Partidos Comunistas e Operários, unem-se mais estreitamente em torno do único centro do movimento — a prova de que os combatentes da causa da paz, da independência nacional, da democracia e do socialismo são mais fortes e vencerão, inevitavelmente.

Devo explicar que afirmo em meu artigo citado que o Brasil já é um país capitalista e não um país em marcha para o capitalismo. Isso não significa a negação dos restos feudais na economia brasileira como maior obstáculo, ao lado do imperialismo, ao desenvolvimento do Brasil. A caracterização do CR do Ceará é a de que estamos na etapa evolutiva e não revolucionária da luta pela independência nacional. Assim, na prática, os camaradas consideram que os imperialistas norte-americanos da Johnson, que têm o monopólio da carne-úba, ou da «Brasil Otítica», ou da Sombra e Anderson Clayton são os únicos inimigos importantes do povo cearense no atual momento. Os latifundiários, que possuem as melhores terras, que são donos dos açudes e sempre encontram meio de escapar ao flagelo das secas periódicas, à custa do sacrifício de milhões de camponeses pelos anos em fora, dizem eles, têm seus interesses prejudicados pelos imperialistas norte-americanos e lutar contra eles «restringe a frente única pela independência nacional». Pergunto eu: restringe a frente única de quem? A frente única é para lutar pelos interesses de quem? A conclusão que se tira da «Declaração» é que a frente única é para lutar pelos interesses da burguesia e... dos latifundiários. Por isso, por absurdo que pareça, a declaração não diz uma palavra sobre as secas, embora seja esse o maior flagelo do povo cearense. E é para massas profundamente radicalizadas — embora atrasadíssimas e fáceis de enganar — como são os camponeses cearenses, que os camaradas afirmam que o confisco das terras dos latifundiários «não corresponde às reivindicações imediatas». Ora, o monopólio da terra é a base econômica principal da minoria responsável pelo atraso do Brasil e sem a sua destruição não será possível libertar as forças do progresso, especial-

Conclui na Página 14

# A POLARIZAÇÃO DE FORÇAS POLÍTICAS E A POSIÇÃO DO PCB

JOAQUIM MAIA

Em 1934 foram aprovados os códigos de Águas e de Minas, nacionalistas. Se não houvesse atividade de entreguistas no Brasil, não haveria porque provar essa legislação.

Neste período nosso Partido começou a acertar. Em 1934, pela primeira vez representantes operários (deputados federais) classistas são eleitos. É aprovada uma Constituição. Entre eles se encontra Ventura. O Partido não ficou alheio à vida e se integrou na vida nacional. Influindo de modo marcante nos acontecimentos de 1934/35 (não entro aqui na análise dos possíveis motivos do movimento de 1935, os camaradas participantes poderão fazê-lo). Ainda depois de 1935, o Partido acertou na questão da industrialização pesada do país (VOLTA REDONDA), mas depois voltou à posições errôneas e ao quase isolamento até 1942/45, quando penso, foi o período de maiores acertos e êxitos na vida do PCB.

Em todo o período getuliano (1930-1954) tenho a opinião de que nosso Partido foi excessivamente unilateral e quase sempre de oposição sistemá-

tica. Atacamos o governo de Getúlio sempre em bloco; nossa crítica ao governo, com raríssimas exceções, eram destrutivas e negativistas. Entretanto, grande parte do povo não via as ações de Getúlio como nós e, em consequência, ele ganhou prestígio entre muitas pessoas simples. A «Consolidação das Leis do Trabalho», era para nós demagogia de Getúlio, mas para os trabalhadores era o coroamento de mais de 40 anos de lutas por reformas sociais. Um problema interessante a estudar é o que se refere às oscilações de Getúlio entre os imperialismos norte-americano, inglês e alemão. Naquele tempo não havia dois sistemas, socialista e capitalista. Não havia as condições atuais, para a conquista da independência econômica, independentemente e contra a vontade dos imperialistas, e com o fornecimento de máquinas e técnica socialista. Penso que um governo hostilizado pelos comunistas internamente, com forte predominância de elementos vacilantes e influência de reacio-

nários, para tentar alcançar a independência econômica tinha que, fatalmente, navegar em torno deste ou daquele imperialismo, explorar suas contradições, obter pequenas concessões e, por sua vez, por ausência de apoio e pressão popular, fazer concessões ora a um ora a outro.

Mesmo no período de visão legal fomos negativistas ante iniciativas como a Fábrica Nacional de Motores, Cia. Nacional de Alcañis, Petrobrás (durante algum tempo), e até o ano passado em relação a planos de eletrificação do governo federal e governos estaduais.

O próprio governo do Gal. Dutra, foi por nós atacado em bloco e de modo unilateral. Mas durante del houve atos positivos (Construção Hidrelétrica do S. Francisco, compra da Frota Nacional de Petróleos, nacionalização da Leopoldina, S. Paulo Railway, Great Western e Ilhéus Conquista). Dizíamos que a compra de ferro velho das ferrovias foi lesiva, mas não compreendemos que seria mais vantajosa se fosse

organizado movimento pela nacionalização, e, a questão mais debatida pelo povo. Dutra era reacionário, golpeou as liberdades e o Partido. Mas como comunistas não devíamos tê-lo visto só pelo ângulo de inimigo das liberdades, mas também sob o ângulo nacionalista anti-imperialista, no qual não foi sistematicamente negativo. Atualmente, Juscelino golpeia as liberdades democráticas, e nós o criticamos por isso, mas apoiamos suas posições quando se coloca ao lado dos interesses nacionais, como na questão dos minerais atômicos, ou da Construção de Três Marias.

Em 1950 votamos em branco para não apoiar Getúlio ou Cristiano Machado. Mas a maioria do eleitorado votou em Getúlio. Por que? Porque a maioria do povo trabalhador embora aspire o socialismo, também deseja ver atendidas suas necessidades imediatas e a supressão de injustiças sociais, melhorar suas condições de vida desde agora e não apenas a partir do momento em que for implantado o socialismo. Fomos cabeça-dura e não ouvimos a sábia voz do povo trabalhador que dizia:

«Agora Getúlio, depois Prestes, quem não ouviu mais de um trabalhador dizer isso? Ainda não sei quem foi o responsável por essa detraída e sectária orientação. Mas gostaria de sabê-lo.

Os ataques que fizemos contra elementos nacionalistas (consequentes ou vacilantes, não importa) como Jango, Estilac, O. Aranha, Lourival Fontes, e outros elementos de fora do governo, como aos socialistas, levou ao enfraquecimento e a cisão das forças nacionalistas e progressistas, a desunião da classe operária (com as famigeradas associações profissionais fora dos sindicatos) os ataques aos por nós chamados de «pelegos», «policiais» (e muitos não o eram). Isso tudo, ao meu ver facilitou a ação audaciosa dos coronéis Mamedes, dos Lacerdas, Brigadeiros Gomes, Penas Botos e Cafés que puderam através de golpes sucessivos chegar ao golpe de 24 de agosto de 1954, que a exemplo do de 29 de outubro de 1945, nos colheu de surpresa, deixando-nos perplexos e quase paralizados, pois faltava ao Partido e ao povo clareza sobre o que fazer, como fazer, com quem lutar, contra quem lutar, como lutar.

Esses acontecimentos para

o me abstenho de comentar pois são fatos recentes. Penso que o Projeto de Resolução acertou na caracterização do governo de Juscelino, composto de dois setores: nacionalista - progressista - democrata, e entreguista - golpista - reacionário e indicando a necessidade de, em cada Estado, e município, ser feita a devida caracterização das forças políticas a partir dessas divisoões de água. Mas, o Projeto falhou ao não analisar as causas que engendraram esses numerosos erros e a nossa pequena capacidade em realizar uma justa e ampla política de frente única.

Qual a raiz dos erros táticos e estratégicos de nosso Partido?

Tudo indica que eles foram causados pela aplicação no Brasil, de teses sectárias da «Internacional Comunista» referentes ao problema da revolução nos países coloniais e dependentes. No XX Congresso do P. Comunista da União Soviética, o c. Kussinen, mostrou que nessas teses não era correta e era sectária a análise do papel da burguesia nacional nos países coloniais e dependentes.

Por outro lado, nos guiamos até o presente, (pois o Com. Conclui na Página 14

## SÓBRE O CARÁTER DO CAPITALISMO DE ESTADO

Conclusão da Página 11

capitalistas. De um lado, a socialização da produção (e não as relações de produção). Do outro lado, conservação, sob uma forma ainda mais brutal, das relações de produção capitalistas, da propriedade capitalista (todo o proveito é de uma pequena quadrilha de cortadores de cupões). Este ensinamento de Engels a respeito dos trustes é importantíssimo para desfazer um equívoco proposadamente lançado por Armando Lopes da Cunha em torno de um trecho de artigo de P. Fedosseiev, como veremos mais abaixo.

Engels também examinou a questão do capitalismo de Estado na sua manifestação mais caracterizada de transformação de certas empresas em propriedade do Estado. E, a este respeito, declarou taxativamente (obra citada, pág. 138) que as forças produtivas não perdem sua condição de capital ao se converterem em propriedade do Estado.

«O Estado moderno, qualquer que seja sua forma, — enuncia Engels — é uma máquina essencialmente capitalista, é o Estado dos capitalistas, o capitalista coletivo ideal. E quanto mais forças produtivas tomar em propriedade, tanto mais se converterá em capitalista coletivo e tanto maior quantidade de cidadãos explorará. Os operários continuam sendo operários assalariados, proletários. A relação capitalista, longe de abolir-se com estas medidas, se aguçava. Mas, ao chegar ao cume, e desmorona. A propriedade do Estado sobre as forças produtivas não é a solução do conflito, mas já encerra em seu seio o meio formal, a mola para chegar à solução.» (Idem, pág. 138).

Para Engels, por conseguinte, a propriedade capitalista de Estado não é uma propriedade social, mas o seu oposto direto, ou seja, a propriedade de uma minoria exploradora através do seu representante oficial, o Estado capitalista, em sua qualidade de «capitalista coletivo», o que não suaviza, porém torna ainda mais aguda a exploração capitalista.

A questão é que o capitalismo de Estado, não sendo ainda a solução do conflito, indica o caminho para esta solução: a posse das forças produtivas, abertamente e sem rodeios, pela sociedade. Mas, isto só se dará quando o proletariado tomar em suas mãos o Poder do Estado e começar por converter os meios de produção em propriedade do Estado.

Apesar de todas as transformações ocorridas a partir de fins do século passado, estas teses magistrais de Engels não perderam uma partícula sequer de sua validade, no que se refere a qualquer país capitalista do nosso tempo. E se Armando Lopes da Cunha apresenta algo de diferente, toma o caminho do revisionismo, isto é, coloca-se contra o marxismo, por mais que resista em aceitá-lo.

Mas, Armando Lopes da Cunha se vale de algumas citações de Lênin. Pior para o articulista, pois a sua situação torna ainda mais lamentável.

Armando Lopes da Cunha cita, por exemplo, um trecho da obra de Lênin «A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la», que repetirei para fins de argumentação:

«... o capitalismo monopolista de Estado é a preparação material mais perfeita para o socialismo, porque é sua antecâmara, porque na escadaria histórica não existem já degraus intermediários entre esta fase e aquela a que se dá o nome de socialismo.» (Lênin, «Obras Escolhidas», vol. II, pág. 134, Ed. de Moscou, 1948).

Do fato de que o capitalismo monopolista de Estado constitui a preparação material mais perfeita para o socialismo, Armando Lopes da Cunha deduz que já se deve identificá-lo com a propriedade social. Ai está um sofisma que talvez seja fruto da ignorância, mas, repetindo uma vez mais Spinoza, ignorância non est argumentum...

O capitalismo em geral, e mais ainda o capitalismo monopolista de Estado, prepara materialmente o socialismo, não porque engendre, em seu seio, de modo espontâneo, a propriedade social — o que é impossível — mas porque, além de fazer surgir e desenvolver-se a força social que deve construir o socialismo, isto é, o proletariado, cria espontaneamente as premissas materiais do socialismo: a produção altamente concentrada, a socialização do trabalho, a estreita interdependência entre os mais variados ramos da produção, em escala nacional e internacional, a concentração bancária, o que per-

mite a contabilidade e o controle da distribuição dos meios de produção socialmente disponíveis, etc.

Por este motivo é que Lênin, com tanto vigor de expressão, diz que «o socialismo nos contempla por todas as janelas do capitalismo moderno». O capitalismo, num alto grau de desenvolvimento, amadurece para o socialismo, torna-o inevitável. Porventura, não foi também o que previu Marx nas suas célebres páginas do capítulo XXXII do primeiro volume de «O Capital», ao tratar da tendência histórica da acumulação capitalista? Marx se refere aí, explicitamente, à «... transformação da propriedade capitalista privada, já praticamente baseada na produção socializada, em propriedade socializada».

A confusão principal de Armando Lopes da Cunha consiste em que erroneamente identifica socialização de produção com «propriedade social».

Esta distinção é fundamental. Se Armando Lopes da Cunha estudar com atenção «A Catástrofe que nos ameaça e como combatê-la», verificará que Lênin assinala, diversas vezes, o caráter socializado da grande economia capitalista do ponto de vista técnico, isto é, do ponto de vista da produção como processo material, e nunca do ponto de vista de suas relações sociais de produção, do seu regime de propriedade. Transcreverei apenas um dos trechos mais indicativos a este respeito:

«A grande economia capitalista é já, por seu próprio caráter técnico, uma economia socializada, isto é, que trabalha para milhões de homens e que associa com suas operações, direta e indiretamente, a centenas, milhares e dezenas de milhares de famílias.» (Lênin, obra citada, pág. 113).

Mas, a grande economia capitalista, por ser uma economia baseada na exploração do trabalho assalariado, não pode conter em seu seio relações de produção socialistas. Estas não podem nascer e se desenvolver espontaneamente dentro das entranhas do capitalismo. O que o capitalismo faz é tão somente preparar, do ponto de vista material, produtivo, técnico, o terreno para as relações de produção socialistas, criando as premissas materiais do socialismo e tornando inevitável a sua implantação final, através da revolução proletária.

Com as revoluções burguesas não se dá o mesmo. As revoluções burguesas já encontram relações de produção capitalistas, atuantes e vivas, previamente desenvolvidas dentro do próprio regime feudal. Isto se explica porque, apesar do seu antagonismo, existe entre as relações de produção feudais e as relações de produção capitalistas um traço comum: ambas se baseiam na exploração do homem pelo homem.

Esclareçamos mais um aspecto desta questão. A categoria de propriedade, qualquer que ela seja, não pertence à esfera da produção no seu aspecto de processo material, mas à esfera das relações sociais de produção.

A produção de bens materiais exige e pressupõe necessariamente a apropriação desses bens pelos homens, ou seja, uma relação de propriedade dos homens para com eles. Mas, esta relação de propriedade só se constitui através das relações que os homens estabelecem entre si no processo de produção, através das relações sociais de produção. A propriedade dos meios de produção é, precisamente, o aspecto básico das relações de produção, qualquer que seja o seu tipo.

A grande produção moderna se socializa, a princípio, sob forma capitalista, ainda dentro do capitalismo, conservando as relações de produção capitalistas e aí temos a propriedade capitalista. Socializa-se também — o que, cedo ou tarde, é inevitável para todos os países — sob forma socialista, e aí temos a propriedade social, socialista, e o Estado socialista.

Num Estado de capitalistas e proprietários de terra, as empresas estatais já não são propriedade privada, tornam-se propriedade estatal, atingindo o mais elevado grau de socialização possível sob o capitalismo, porque passam para o controle direto do Estado, que é a entidade de função mais generalizadora da sociedade capitalista. Continuam, porém, propriedade capitalista, conservam seu caráter de capital, uma vez que servem, através do Estado, à classe capitalista em seu conjunto, ou, em especial, ao grupo capitalista que momentaneamente controla o aparelho de Estado. Consequentemente, o princípio da conservação e incremento do capital de tais empresas estatais permanecem a produção e a apropriação da mais valia, a exploração do trabalho assalariado.

Em que país do mundo capitalista dos dias atuais deixaram as empresas do Estado de ter um caráter de capital? Se Armando Lopes da Cunha se voltar da teoria para os fatos, tão pouco encontrará qualquer apoio para as suas teses. Naturalmente, poderá utilizar o fácil recurso de citar «as novas condições do mundo». Está claro que, em nossa época, se verificam enormes transformações. Mas, é preciso provar concretamente, em cada caso dado, quais as consequências reais que decorrem dessas transformações. Uma frase, por mais verdadeira, sempre será apenas uma frase, se a empregarmos de modo indefinido, abstrato, como «chaves» para provar absurdos.

Tudo isto já é, aliás, bastante sabido, mas foi necessário repeti-lo para desfazer a confusão teórica em que se emaranhou e nos quer emaranhar o camarada Armando Lopes da Cunha.

Se o nosso afoito articulista quer encontrar a propriedade social, que volte a sua atenção para a União Soviética e os demais países socialistas. Fora daí não a encontrará, muito menos num país como o Brasil, onde até hoje conseguem coexistir, de maneira aberta ou disfarçada, todas as formas de exploração do homem pelo homem que a humanidade já conheceu.

Sómente depois de desfeita a confusão teórica é que poderemos passar a examinar, num segundo artigo, de modo mais amplo, as variações de significação econômico-social do capitalismo de Estado e, sob tal prisma, estudar o papel que o capitalismo de Estado desempenha atualmente na economia brasileira e que papel poderá desempenhar no futuro. Veremos, então, como é perigosa a falsa perspectiva que nos pretende apontar o camarada Armando Lopes da Cunha.

Não podemos deixar de concordar com a afirmação do camarada M.A. Coelho de que o camarada Armando Lopes da Cunha se encontra em posições revisionistas, naquelas posições em que, sob a bandeira da renovação do marxismo, o que se pretende, de fato, é a revisão e o abandono dos seus fundamentos materialistas e revolucionários.

Por aqui concluiremos este primeiro artigo, se não tivéssemos para resolver mais uma questão de ordem puramente polémica. É admissível que, embora com as melhores intenções, um camarada interprete erroneamente um texto marxista. Não é admissível, porém, que «ageite», proposadamente, uma citação, para apoiar nela, de modo sub-reptício, a sua argumentação. Foi, porém, o que fez o camarada Armando Lopes da Cunha, ao citar trecho de um artigo de P. Fedosseiev, publicado em «O Comunista», número 3, de 1950. No trecho que citou, Armando Lopes da Cunha substituiu dois importantíssimos períodos por umas míseras reticências. Valendo-se de tal manobra, inadmissível numa polémica séria, quiz apresentar um marxista soviético como seu companheiro... de aventura revisionista. Por isto mesmo, para desfazer a má impressão que P. Fedosseiev, ageitado por Armando Lopes da Cunha, poderia, sem merecê-lo, causar aos leitores brasileiros, reproduziremos a citação na sua íntegra, grifando os dois períodos suprimidos:

«A transição do sistema capitalista de economia à produção socialista organizada não seria uma lei universal das transformações sociais do nosso tempo, se a sua ação se estendesse somente a certos países. De fato, esta lei atua em todos os países. Uma vez que a realização desta lei encontra nos países capitalistas a mais forte oposição por parte da minoria possuidora dominante, ocorre um aguçamento sem precedentes das contradições sociais. Cada vez mais, aguçam-se o conflito entre o processo de socialização da produção moderna e a propriedade privada dos meios de produção. As associações monopolistas de capitalistas sob a forma de cartéis, trustes e bancos, a nacionalização de alguns setores econômicos e outras formas de socialização sobre base capitalista também atestam que a época do empreendimento privado passou e que a introdução da propriedade social dos meios de produção se tornou uma necessidade vital do desenvolvimento econômico».

Os cartéis e os trustes, as nacionalizações, etc., não são senão a forma capitalista temporária de expressão do conflito e a vã tentativa burguesa de sua solução. A necessidade vital de introdução da propriedade social dos meios de produção, única solução real do conflito, só pode se satisfazer com a revolução proletária, com a ditadura do proletariado, com a construção do socialismo. E' o que confirma a experiência histórica da União Soviética e das democracias populares. O engodo revisionista já hoje é repellido não só pela teoria como pelos fatos.

Conclusão da Página 12  
mente no Ceará. A própria burguesia já reconhece isso e apela algumas medidas de reforma agrária, mas só a luta das massas camponesas terá levá-las à prática.

No problema camponês, o camarada Caio também vai longe e comete o velho erro de Plekanov: na luta contra os imperialistas e latifundiários só vê «duas poderosas forças — a burguesia e o proletariado». É daí vai ao fundo da questão, quando afirma a possibilidade de marchar o proletariado com a burguesia e outras camadas «sem submetê-las à sua hegemonia».

Uma tese está ligada à outra, pois nas condições brasileiras, em que mais de 60% da população vive no campo, quem tiver a seu lado as massas camponesas terá a hegemonia na revolução. O problema da hegemonia é pois o problema da conquista das massas camponesas e quem não o vê dá a hegemonia à burguesia, como o faz Caio.

Mas na questão da hegemonia surge outro problema, ao qual o camarada Caio foge: o problema de qual o regime que queremos e podemos conseguir.

Em minha opinião, a alternativa que está diante de nós é: **democracia popular**, através de lutas que podem ter alternados períodos de «paz» com períodos de luta violenta e para isso é necessária a hegemonia do proletariado — ou maior dependência do imperialismo, pois que, dadas as suas características formadas historicamente, a burguesia brasileira não tem condições de dirigir a luta revolucionária até o fim — apesar de poder impulsioná-la e participar nela decisivamente, sob a pressão das massas dirigidas pelo proletariado.

O próprio desenvolvimento da política nacional nos últimos tempos confirma essa tese. A burguesia avança, embora vacilando, mas basta uma queda no movimento de massas para que surja o compromisso contra o povo.

A experiência internacional do movimento revolucionário e especialmente a de nossos camaradas chineses demonstra que havendo uma forte aliança operário-camponesa, a parte da burguesia não totalmente comprometida com o imperialismo vem para a frente única.

Visto isso, creio que cabe perguntar como esperam os camaradas ganhar a massa camponesa sem um programa agrário radical e destruir a base econômica principal da reação e do atraso, sem liquidar o monopólio da terra?

Creio que isso não é possível.

São justas a meu ver, em sua essência, as posições do Programa, tanto no que diz respeito à questão de nossa posição em relação à burguesia, como ao problema agrário e na questão camponesa. Creio que também é justo no que diz respeito ao regime pelo qual lutamos, pois não vejo outra alternativa. Há camaradas que falam em «solução» do tipo hindú. Há aí uma confusão: a Índia é um país capitalista que tem posições que todos aplaudimos no terreno das relações internacionais; mas não podemos confundir isso com a etapa atual da revolução brasileira. 1.ª etapa da marcha de nosso país para o socialismo.

Finalmente, temos o problema da tática em relação ao governo, como decorren-

cia dessas posições reboquistas. O camarada Caio, por exemplo, acha justa a tática de «apoiar o positivo e combater o negativo», desde que saibamos manter a iniciativa nos problemas por ele (governo) solucionados (!)

Essa posição, de análise objetivista burguesa e de dar conselhos ao governo é também a de «Voz Operária», por exemplo, no número em que saiu meu artigo (número 400 — 19-1-57) na matéria da pág. 5, sob o título: «O Brasil desenvolve-se e industrializa-se» continuada e aprofundada no número 404, de 16-11-57, onde ao mesmo tempo que saiu a Nota do Presidium do C. C. desmascarando o governo que assinou o acordo de Fernando de Noronha e conclamando à luta por sua anulação, saiu também um artigo na última página, sob o título «Não ceder mais posições ao imperialismo», com orientação capitulacionista, considerando na prática a entrega de Fernando de Noronha já consumada e conclamando platonicamente a não ceder mais. É essa, em matéria de tática, a consequência lógica das posições a reboque da burguesia: capitular, capitular sempre.

Essa análise da situação política nacional do ponto-de-vista do objetivismo burguez, que tem tido certa difusão dentro do Partido, não tem origem na cabeça deste ou daquele camarada. Sua origem está na pressão ideológica da burguesia e do imperialismo, que encontram campo propício com o choque emocional que causou a to-

dos nós comunistas a discussões sobre o culto à personalidade no terreno em que se travou. E o desenvolvimento econômico do Brasil serviu de base material para essas e outras idéias revisionistas cantadas em prosa e em verso.

Eu e outros camaradas, fazendo algum esforço para conhecer a realidade tal como se apresenta, lendo o que dizem alguns economistas e políticos burguezes, ideólogos de sua classe e representantes do imperialismo, não fomos capazes de interpretá-los de um ponto-de-vista estritamente de classe, ver o que estava por detrás de suas palavras, como deformam elas a realidade e aplicar o método dialético de análise e interpretação, fomos influenciados por eles em maior ou menor grau e temos que rever nossas idéias.

Creio, entretanto, que o debate deve continuar, que todos devemos dizer o que pensamos e estudar, estudar muito, em primeiro lugar a realidade local, que é o primário e, em seguida e junto com ela, a teoria marxista, que nos permitirá interpretar, compreender a realidade e traçar a estratégia e a tática política convenientes para o trabalho do Partido. Não tenho dúvida de que se ainda há confusão teórica em nossas cabeças, ela será superada no processo de discussão e se algum reboquista incorrigível preferir ficar com a burguesia contra o proletariado — que faça bom proveito... enquanto a vida o permitir.

Niterói — 25-11-57

Conclusão da Página 13

té Central não criticou essas posições) na elaboração do esquema da revolução numa fórmula de Stalin que indica que a direção do golpe principal deve visar o isolamento das forças centristas, ou o que no Brasil chamamos nacional-reformistas. Examinando toda a atividade de nosso Partido, em seus 34 anos, vemos que sempre atacamos essas forças intermediárias, nacional-reformistas, e que são na realidade nossos aliados naturais. Embora determinados elementos dessas forças não sejam partidários do socialismo, são entretanto, nacionalistas, anti-imperialistas, progressistas e podiam ter dado passos para diante em frente única conosco.

Com nossas posições incorretas, nos isolamos de aliados e involuntariamente ajudamos o inimigo principal, sofremos golpes diretos desse inimigo principal que sempre sabe explorar habilmente as divergências entre as forças nacionalistas e progressistas. Um exemplo, foi a ofensiva do governo Café contra o «Popular» (jornal socialista, D. F.), «Última Hora» e «Imprensa Popular», golpeando um a um.

O c. Prestes, em seu artigo «O XX Congresso do P. Comunista da União Soviética», em «Voz Operária», de 5 de maio de 1956, pág. 3, ao meu ver, ainda persiste nesse ataque às forças centristas, nacional-reformistas, ao dizer:

«...Nisto os marxistas se distinguem dos reformistas,

dos oportunistas que defendem de fato o regime capitalista como na atual etapa da revolução brasileira, se distinguem dos defensores do nacional-reformismo, os quais, a pretexto de lutar pelo progresso nacional dentro da lei e da Constituição, capitulam diante do imperialismo norte-americano e do latifúndio, defendem de fato o atual regime de latifundiários e grandes capitalistas e, conseqüentemente, a progressiva colonização do Brasil pelos Estados Unidos.»

Em meu modo de ver, a aprovação da lei da «Petrobrás» e a suspensão do acordo atômico Brasil-EE.UU. contou com decisiva colaboração de nacional-reformistas brasileiros, que nos dois casos, não capitularam diante do imperialismo norte-americano, mas ao contrário, ajudaram a golpeá-lo seriamente.

Agora é preciso que examinemos nossa experiência, bem como a de outros Partidos de modo crítico. A experiência de tantos anos de aplicação da fórmula da «Internacional» e de Stalin, foi negativa no Brasil. Pode ser aplicável a outros países, mas não foi justa para as condições do Brasil.

Não sou partidário de se procurar a solução para os problemas sociais do Brasil na cópia servil e mecânica da experiência de outros Partidos Comunistas. Mas, devemos examinar, meditar sobre justas conclusões a que chegam Partidos irmãos aproveitando o que nos possa ser útil. O órgão do P. Comunista Chinês, «Jeminjipao», Pequim, de 5 de abril de 1956, diz em seu editorial:

«...há nas obras de Stalin a seguinte fórmula: nos diferentes períodos da revolução o golpe principal deve ser dirigido no sentido de isolar as forças político-sociais intermediárias... Em alguns casos, pode-se considerar acertado o isolamento das forças intermediárias na sociedade; mas, sob quaisquer condições, isto não é certo. Segundo nossa experiência, o golpe principal da revolução deve ser dirigido contra os próprios inimigos principais, para isolá-los.»

Considero que a adoção de posições unitárias de nossa parte, para que sejamos de fato a força de coesão entre os nacionalistas, progressistas e patriotas, exige de um lado que vejamos em primeiro lugar o que pode nos unir e não o que podemos separar, e, de outro lado, não exclua a luta contra os revisionistas e falsificadores do marxismo, mas esta luta deve ser travada no terreno ideológico, com argumentação científica, e não no terreno dos ataques pessoais, subjetivos, muitas vezes infundados e que levam a cisões desnecessárias na frente única, para satisfação dos nossos inimigos internos e do imperialismo norte-americano. Até hoje não pude compreender qual a vantagem de termos atacado o Senador D. Velasco como banqueiro, como «novo quadro do imperialismo» etc., ou de chamar o Sr. João Mangabeira de caxixeiro, ou Jango de estancieiro, etc.

Em muitos documentos do Partido temos afirmado que o poderio da minoria golpista e entreguista reside na insuficiente unidade das forças patrióticas e democráticas, e daí fazemos apelos, estendemos a mão, para unir melhor estas forças. Mas, é preciso notar os fatos. Parece-me que a minoria golpista e reacionária sa-

be melhor do que nós atenuar as contradições internas do seu frente golpista, sabe encontrar o denominador comum capaz de unir entreguistas, golpistas, reacionários e na verdade, luta muito mais contra as forças nacionalistas, patrióticas, contra o comunismo, do que internamente como fruto de suas divergências secundárias. Na frente única a que tacitamente pertencemos, muitas vezes, a luta tem se voltado mais contra um ou outro componente dela, do que contra os inimigos dela. E, muitas vezes, essa luta tem se voltado contra nós, visando nosso isolamento na base da utilização do nosso sectarismo, dos nossos erros, da nossa omissão.

Penso que a análise e a discussão da política e da tática do Partido, a correção dos erros, a revisão do Programa, são os caminhos para o Partido encontrar a melhor maneira de afastar obstáculos que separam brasileiros de brasileiros e ajudar as forças nacionalistas, patrióticas, democráticas a fazer prevalecer sua vontade, encontrando elas próprias (é claro que com nossa participação) as suas formas de expressão orgânica e de ação no trabalho entre o povo. Este caminho é também, me parece, o mais seguro para solucionarmos os problemas orgânicos do Partido, sem dogmas, sem o surgimento de alas novas, velhas, novíssimas ou velhíssimas.

Chega de cópias. Chega de papel-carbono. Aqui não temos camaradas Titos, nem Gomulka; nem Rakosis, nem Gerós. Os militantes e amigos do Partido esperam de nós outra coisa e não lutam sem princípio e posições obstinadas para manterem-se em cargos ou para afastar A ou B de cargos.

O que cada trabalhador manual ou intelectual, cada patriota, nacionalista, democrata, o que cada militante ou amigo do Partido exige e tem o direito de exigir de nós dirigentes do Partido (desde o C. Central até as Org. de base), é o estudo mais atento da experiência da sua luta, que na base dessa experiência e da teoria, que é a experiência dos outros partidos, indiquemos os métodos, as formas, os degraus bem definidos da escada que lhes permita melhorar agora as suas condições materiais de existência e, avançar paulatinamente para suprimir as injustiças sociais e atingir a verdadeira democracia social e nacionalista, aspirada por milhões de brasileiros.

Trabalhem com entusiasmo, reforçando nosso Partido, reorganizando-o, ativando-o, resolvendo de forma prática e justa os erros e injustiças cometidas em consequência dos métodos de mandonismo e impositivo, ajudando os trabalhadores e o povo brasileiro a melhor se organizarem e lutar por suas aspirações e, deixemos ao V Congresso do PCB a tarefa de realizar um sereno, mas enérgico julgamento da ação dos dirigentes do Partido. Tenho absoluta confiança que o Partido saberá ser vigilante e, no V Congresso fará o coroamento do processo de democratização do Partido, independentemente da vontade dos que pretendem frear esse processo, ou dos que pretendem acelerá-lo e precipitá-lo de modo desmedido. São Gonçalo, Janeiro de 1957

## Resolução do Comitê de Empresa da Carris

### AO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

O Comitê de Empresa da Carris, do Comitê Regional do Rio de Janeiro, do Partido Comunista do Brasil, julga ser de seu dever expor ao Comitê Central o seguinte: De uns tempos para cá, ou melhor, depois do lançamento do Projeto de Resolução, estamos sentindo que o comando político, por parte do CC faz sentir sua falta, ou vem retardado, em momentos nos quais as bases do Partido mais sentem necessidade desse comando. Assim ocorreu com o atraso do pronunciamento sobre a revolta fascista na Hungria, e sobre o envio de tropas brasileiras para o Egito. Esta situação agravou-se no momento, pois que a nossa direção máxima ainda não se manifestou sobre um fato tão grave como foi a entrega de Fernando de Noronha aos imperialistas norte-americanos. Com os últimos atos do Sr. Kubitschek fechando organizações democráticas e entregando parte do território brasileiro aos imperialistas norte-americanos, aumenta o descontentamento do povo, e dos trabalhadores em particular. Tendo o nosso Partido apoiado a Kubitschek, a massa dirige-se aos nossos militantes pedindo esclarecimentos, mas no entanto as bases do nosso Partido estão desarmadas politicamente para enfrentar tal situação. Rogamos ao CC que se manifeste ante tais graves problemas, armando assim as bases do Partido para enfrentarem tal situação.

Queridos camaradas: Sabemos que a omissão do CC ante fatos tão graves não ocorre por acaso. Alguns camaradas, deixando-se arrastar pelo radicalismo pequeno-burguez e pelo subjetivismo, julgam que o Partido deve paralisar suas atividades políticas de massas e virar-se para dentro de si mesmo a fim de discutir de forma crítica e auto-crítica nossas atividades políticas anteriores, a estratégia e a tática que empregamos no decorrer dos anos de existência de nosso Partido. Acharmos esta tese completamente errada e prejudicial ao nosso Partido e ao nosso povo. Somos, decididamente, favoráveis à discussão crítica e autocrítica de nossas atividades passadas, somos a favor da democratização da vida interna de nosso Partido, mas somos radicalmente contrários a que o nosso Partido pare suas atividades políticas de massas a fim de fazer tal balanço.

Acharmos que a discussão só poderá ser proveitosa para o nosso Partido se ela for feita em íntima ligação com a nossa prática revolucionária de cada dia. Parar o Partido

para discutir será nos transformarmos num «club acadêmico de discussões», num «grupo de tagarelas». Julgamos que o CC deve tomar todas as medidas possíveis e necessárias a fim de que tal desgraça não ocorra. Mais do que nunca, nos dias de hoje a classe operária e o nosso povo necessitam do comando político do nosso Partido. Num momento tão grave para a nossa pátria, aqueles que tentam fazer o nosso Partido virar-se para dentro de si mesmo, privando a classe operária e o povo do Brasil de seu comandante político, consciente ou inconscientemente, presta um grande serviço aos piores inimigos de nosso povo e de nossa pátria. Queridos camaradas: Sabemos também que alguns camaradas afirmam que «o CC não está podendo dirigir politicamente o nosso Partido porque lhe falta autoridade moral para conclamar o Partido à unidade em torno de uma tática frente aos atuais acontecimentos nacionais». Afirmam estes camaradas que «atravessamos no momento uma crise de direção». E' com o sangue à ferver de indignação, em nossas veias de trabalhadores, que repelimos com veemência tais teses e tais calúnias.

Sabemos muito bem que o CC em seus esforços titânicos e abnegados para dirigir o nosso Partido em situações difíceis e complexas, tem cometido erros e enganos. Acharmos que os erros cometidos pelo CC devem ser criticados, e estamos dispostos a ajudar nossa direção com nossas críticas fraternais, ajudando assim ao avanço de nosso Partido. Mas, se o CC cometeu erros, fez também muita coisa de certo. Não podemos separar os êxitos de nosso Partido do trabalho de direção de nosso CC. Mas, se tomamos consciência dos erros de nosso CC, isto não significa que a nossa confiança e a nossa unidade em torno do CC tenha diminuído.

Nossa confiança em nosso CC é inabalável. Nossa unidade em torno de nosso CC é mais forte do que nunca. Estamos dispostos hoje, como estivemos ontem e estaremos amanhã, a seguir disciplinadamente as ordens e as diretivas de nosso CC. E não se trata aqui de uma unidade e uma disciplina formais.

Compreendemos que sem unidade em torno de nosso CC não pode existir o nosso Partido e hoje, mais do que nunca, sentimos a necessidade da existência do partido político da classe operária brasileira, do Partido Comunista do Brasil; guiado e orientado pela doutrina todo-poderosa, porque verdadeira, do Marxismo-Leninismo. Acharmos que alguns camaradas, completamente desligados da rea-

Conclui na Página 10

# O Povo Paulista Exige do Governo Paradeiro Para a Carestia de Vida

Com a Segunda Sessão da Convenção Popular de Combate à Carestia, realizada no dia 10 deste, no Teatro Colombo de São Paulo, toma novo impulso o movimento do povo bandeirante contra a corrida altista dos preços dos gêneros alimentícios e utilidades.

Obedecendo a uma das resoluções da Segunda Sessão da Convenção, dirigentes sindicais e parlamentares de São Paulo, no dia 14 último, estiveram com o sr. Presidente e vice-presidente da República e com o presidente da Câmara Federal, para fazer a entrega, àquelas autoridades, do Programa de combate à carestia, aprovado na Convenção.

## PROGRAMA

Este o programa apresentado pela Comissão de dirigentes sindicais e parlamentares de São Paulo, eleitos na Convenção contra a carestia:

### MEDIDAS IMEDIATAS

- 1 — Supressão gradativa dos impostos federais e Estaduais;
- 2 — Revisão criteriosa dos lançamentos do imposto territorial;
- 3 — Instituição de prioridade nos transportes em geral para os gêneros alimentícios que deverão gozar de tarifas especiais de baixo custo;
- 4 — isenção de taxas, e emolumentos, reconhecimento de firmas, registro, etc., nos financiamentos a produtores agrícolas até 200.000,00 e fornecimento de sementes e preços acessíveis;
- 5 — fornecimento gratuito de assistência técnica aos pequenos agricultores;
- 6 — Instalação pelo governo de escritórios permanentes de compras nos centros produtores;
- 7 — Fixação prévia de preços mínimos nos centros de produção;
- 8 — utilização imediata dos armazéns gerais oficiais para estocagem e distribuição dos gêneros adquiridos pelo governo;
- 9 — rigoroso controle dos estoques;
- 10 — tabelamento criterioso de todos os gêneros;
- 11 — nenhuma elevação dos preços;
- 12 — aplicação imediata da lei Estadual, número 2.055, de 27 de dezembro de 1952;
- 13 — participação no plenário da COFAP e da COAP de representantes sindicais e de organizações populares;
- 14 — amparo integral à organização de cooperativa.

### MEDIDAS DE LONGO ALCANCE

- a — Combate à inflação;
- b — comércio livre com todos os países;
- c — reforma agrária, assegurando assistência técnica;
- d — proteção e estímulo à indústria nacional;
- e — desenvolvimento do mercado interno.

### A Comissão Eleita Para a Entrega do Programa

A Comissão designada para a entrega do programa de Combate à Carestia às autoridades federais, eleita também na Convenção Po-

popular do dia 10 deste, estava assim constituída: Deputado Farabulini Júnior, Franco Montoro e José da Rocha Mendes Filho, todos da Assembléia Legislativa de São Paulo; Vereadores João Louzada e Mathilde de Carvalho da Câmara Municipal de São Paulo; Dirigentes Sindicais: Salvador Romano Losacco, presidente do Pacto de Unidade Intersindical e do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Benedito Luccas Sales, presidente do Sindicato

dos Gráficos de São Paulo, e Octávio Alexandre Ferreira, tesoureiro do Sindicato dos Vidreiros de São Paulo. Ainda no dia 14 deste outra Comissão Mista de dirigentes sindicais, parlamentares e dirigentes de Conselhos Distritais e Sociedades Amigos do Bairro de São Paulo, procedeu à entrega do mesmo programa de Combate à Carestia ao governador Jânio Quadros, ao prefeito Wladimir de Toledo Piza, ao presidente da Assembléia Legislativa e ao presi-

- ★ IMPORTANTE CONVENÇÃO POPULAR REALIZADA EM SÃO PAULO
- ★ COMISSÃO ELEITA PARA A ENTREGA DO PROGRAMA ÀS AUTORIDADES
- ★ EM MÃOS DOS TRABALHADORES PAULISTAS O PROGRAMA DE COMBATE À CARESTIA
- ★ CONCENTRAÇÃO POPULAR NO DIA 24 DE ABRIL PRÓXIMO
- ★ FATOS E NÃO PALAVRAS EXIGEM EM AS MASSAS POPULARES

dente da Câmara Municipal de São Paulo.

dente da Câmara Municipal de São Paulo.

### Em Mãos dos Trabalhadores o Programa de Combate à Carestia

Por deliberação também da Segunda Sessão da Convenção Popular de Combate à Carestia, a entrega do Programa de Combate à Carestia, às autoridades federais, estaduais e municipais, foi

feita, acompanhado de um ofício, pelo qual a Comissão Executiva do Pacto de Unidade Intersindical de São Paulo levou ao conhecimento daquelas autoridades que o povo e os trabalhadores paulistas aprovaram por unanimidade naquela Convenção fixar o prazo até o dia 19 de abril próximo para que sejam efetivadas medidas imediatas e a longo prazo recomendadas pelo povo e os trabalhadores de São Paulo. no Programa de Combate à Carestia.

### Concentração Popular no Dia 24 de Abril

Tendo em vista as constantes manobras do governo de Sr. Juscelino Kubistchek, no sentido do não cumprimento das suas promessas eleitorais e tantas vezes repetidas de público, o povo bandeirante cientificou às autoridades, tanto federais, como estaduais e municipais, que, no dia 24 de abril próximo vindouro, realizará uma concentração em frente à Câmara Municipal de São Paulo, a fim de, em praça pública, tomarem conhecimento das medidas adotadas pelas autoridades competentes, em relação ao combate à carestia, por ele preconizado.

### Fatos e Não Palavras, Exigem as Massas Populares

No último dia do ano de 1956, o Sr. Juscelino Kubistchek em discurso, prometeu que o ano em curso seria assinalado pelo enérgico combate à carestia de vida. Entretanto, os fatos mostram que, não só o Sr. Juscelino não começou esse combate, como autorizou os órgãos do seu governo a elevar os preços de todos ou quase todos os gêneros de primeira necessidade, tornando assim, mais dura e difícil a vida da população. Essa tem sido a norma de conduta do governo Federal: prometer em palavras para na realidade esconchar o povo com novos aumentos.

É oportuno lembrar aqui que, os trabalhadores e o povo de São Paulo chegaram mesmo a marcar uma greve geral para o dia 20 de julho do ano passado, a qual foi suspensa em virtude das promessas então feitas pelo Presidente da República e o seu Ministro do Trabalho, de congelarem o preço dos gêneros alimentícios. Sem nenhum respeito pela palavra empenhada, JK não só aumentou todos os preços dos gêneros alimentícios como determinou o aumento do imposto de consumo, que deu origem à nova onda altista.

A deliberação da Segunda Sessão da Convenção Popular de Combate à Carestia, de São Paulo, revela que o povo paulista está mais vigilante e não admitirá novas manobras que venham beneficiar os inimigos da sua economia.

### DR. ALBERTO LAGO

O ferroviário de Passo Fundo sr. Nicolau Dilyez pediu-nos a publicação da seguinte nota:

"Venho de público externar meus mais penhorados e profundos agradecimentos ao prestimoso médico passufundense, Dr. Alberto Lago, por sua estremosa dedicação e humanismo que dedicou à minha filha Iolanda, submetida a uma intervenção cirúrgica em 25 de janeiro, além dos casos surgidos em toda família que o mesmo tem prestado sua honrosa atenção e ao povo de Passo Fundo.

Hipotecando minha gratidão ao médico mais popular de Passo Fundo, ponho-me ao lado de todos os ferroviários e do povo de Passo Fundo que tem recebido a desprendida dedicação desse verdadeiro apóstolo da medicina, que é o Dr. Alberto Lago.

Passo Fundo, fevereiro de 1957 — Ass.: Nicolau Dilyez.

## NOTÍCIAS SINDICAIS DOS ESTADOS

### BAIXÍSSIMOS OS SALÁRIOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Em Curitiba (Paraná), os operários da construção civil ganham salários baixíssimos, chegando a ponto de os trabalhadores qualificados, desse setor profissional, perceberem pouco mais que o salário-mínimo (Cr\$ 11,25). A firma Gutierrez, Paula & Munhoz, por exemplo, paga salários à base de 11,50; 12,00 e 13,00 para profissionais, quando os aprendizes, sem especialização, recebem 11,25. Essa é a razão porque se inicia, através de seu Sindicato, a luta dos trabalhadores da construção civil, por aumento de salários.

### TRABALHADORES NA INDÚST. DA MADEIRA CONQUISTAM 22% DE AUMENTO

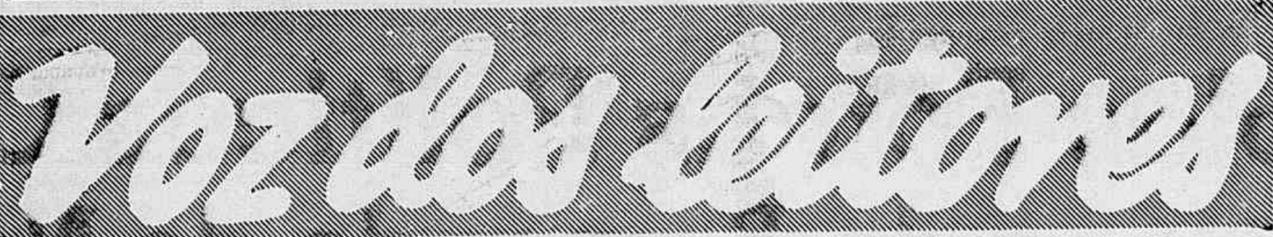
Os trabalhadores na indústria da madeira de Ponta Grossa (Paraná), conquistaram, em memorável dissídio coletivo, 22% de aumento de salário. Lutam agora, através de seu Sindicato, para obter a efetiva aplicação dos pagamentos

com 22% de aumento. A nova diretoria do Sindicato, com a ajuda do seu advogado, realiza no momento a contabilização das carteiras profissionais dos trabalhadores, firma por firma, a fim de calcular os salários que têm a receber. Nenhuma firma negou-se completamente a atender aos direitos dos trabalhadores, embora uma única tivesse pago os atrasados.

Os trabalhadores da indústria da madeira já realizaram duas reuniões para debater a luta da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, preparando-se para os próximos dias uma Assembléia, no Sindicato, onde será ouvida a opinião geral dos trabalhadores sobre aquele importante documento.

A diretoria do Sindicato iniciará em breve a construção da sede própria da entidade, no terreno doado pela Prefeitura Municipal e desenvolve intensa atividade em defesa dos interesses dos trabalhadores.

(CONTINUA NA 10a. PÁG.)



## As Usinas de Açúcar Não Pagam o Salário-Mínimo

Reportagem de JÚLIO GARCIA (Campos)

O salário mínimo foi decretado ainda em 1 de maio de 1956. Mas aqui nos municípios desta zona, em São Fidélis, Cambuci e Itacoara, ele ainda não é pago.

Milhares de operários e assalariados agrícolas trabalham nos engenhos de cachaca — são cerca de 30 engenhos, com uma produção média de 800 litros cada um, por safra.

O salário mínimo da zona é de Cr\$ 3.200,00, ou seja, Cr\$ 106,00 por dia. Mas nunca foi pago, apesar dos grandes lucros obtidos pelos donos dos engenhos.

Até o fim de 1956, os trabalhadores aguardaram que aquele salário lhes fosse pago; finalmente, movidos pela fome, recebendo apenas ... Cr\$ 40,00 por dia, perderam a esperança de que os pa-

três viessem a cumprir a lei. Resolveram organizar-se e reclamar à justiça os seus direitos. Como resultado dessa iniciativa, nos locais onde foi reclamado o pagamento do salário mínimo, os trabalhadores já estão recebendo de acordo com o novo salário, inclusive a diferença dos atrasados.

### SURGEM AS ASSOCIAÇÕES DE TRABALHADORES

Nessa luta, criou-se uma associação no Engenho Central Laranjais. Na Usina de Pureza, onde o novo salário também não vinha sendo pago, os trabalhadores reclamaram na justiça e hoje já estão recebendo o salário mínimo e os atrasados.

### REPRESÁLIAS DOS PATRÕES

Os donos dos engenhos, diante da luta decidida dos assalariados, passaram a tomar medidas de represália, tentando de todas as maneiras anular o salário mínimo. Mandaram embora 200 operários e assalariados agrícolas e estão admitindo novos trabalhadores, sob a condição de morar nas casas da usina, sujeitos ao pagamento de 27% sobre o salário — isso equivale a Cr\$ 854,00.

Essas «casas» não passam de ranchos dentro dos canaviais, piores que currais de bois: são de chão batido e dentro delas entra a chuva, por todos os cantos. Os trabalhadores não sabem onde pôr os filhos para dormir; quando têm mesa, põem as crianças debaixo da mesa e quando não têm, ficam no molhado.

### EXPLORAÇÃO IMPIEDOSA DOS TRABALHADORES

A custa da miséria dos trabalhadores os usineiros estão podres de ricos. A usina de Pureza produz em média 300 mil sacos de açúcar, além da produção de álcool. O gerente da usina, juntamente com os seus capatazes, traz em pânico os trabalhadores: os novos são postos na rua, os mais velhos são suspensos, transferidos, demitidos sem indenização. E os trabalhadores que procuram casa fora da usina, para evitar pagar aquele aluguel absurdo, são mandados embora.

Só há uma solução: os operários e assalariados agrícolas se unirem em associações, como fizeram os do Engenho Central. Essa é a única forma de fazer respeitar os seus direitos.

«A União faz a força.»

## ABAIXO-ASSINADOS CONTRA A ENTREGA DE FERNANDO DE NORONHA

Moradores do Município de João Pessoa, do Bairro da Torre dirigiram-se em abaixo-assinado ao Deputado Federal Rafael Correia de Oliveira, exigindo a anulação do acordo de entrega de Fernando Noronha. Dizem eles, entre outras considerações: «Não queremos que o nordeste brasileiro seja palco para uma nova Hiroshima. Somos contra a entrega de Fernando de Noronha e exigimos do Congresso Nacional que examine o acordo»

à luz da realidade e dos interesses nacionais e o anule, a bem do Brasil e em defesa da nossa Constituição». Seguem-se 56 assinaturas.

### PERSONALIDADES DA PARAÍBA CONTRA A ENTREGA

Deputados estaduais de diversos partidos políticos, professores catedráticos, presidentes de diretórios regionais, advogados e juizes, jor-

nalistas, engenheiros e profissionais liberais da capital paraibana, dirigiram um apelo ao Congresso Nacional, no sentido de anular o «acordo» da entrega de Fernando de Noronha. A certa altura, dizem os signatários: «A anulação da concessão lesiva é possível (art. 66, I e III da Constituição da República), desde que a vontade nacional, através do Congresso, assumira uma atitude de defesa intransigente de nosso território e da nossa soberania.»

# Pela Anulação do Acôrdo Sobre Fernando de Noronha.

**1** O acôrdo sobre Fernando de Noronha viola gravemente a soberania nacional, porque representa a cessão de parte do território do país para a instalação de uma base militar estrangeira. O povo brasileiro não pode aceitar a transformação de nossa pátria numa zona de ocupação norte-americana.

**2** Este acôrdo, concluído pelo sr. Kubitschek sem a audiência do Congresso, infringe brutalmente a Constituição, cujo artigo 86 item III diz: «E' da competência exclusiva do Congresso Nacional autorizar o Presidente da República a permitir que forças estrangeiras transitem pelo território nacional ou, por motivo de guerra, nele permaneçam temporariamente».

**3** Permitindo a instalação de uma base agressiva yanque em seu território, o Brasil é envolvido diretamente na guerra que os Estados Unidos preparam contra os países socialistas. Assim, nosso país se compromete a participar de uma guerra como caudatário dos imperialistas americanos, antes mesmo que ela seja declarada.

**4** A instalação de uma base americana em Fernando de Noronha ameaça o povo brasileiro com os horrores da guerra atômica. O objetivo dos militaristas americanos, com a construção da base, é desviar as operações de guerra do território dos Estados Unidos para o território Brasileiro, é fazer sua guerra na terra alheia.

**6** Com a entrega de Fernando de Noronha aos americanos, o governo do sr. Kubitschek iniciou uma política aberta de preparação para a guerra. Esta política só pode levar ao aumento das despesas militares e improdutivas, à agraviação do custo da vida, a privações ainda maiores para os trabalhadores e o povo.

sr. Kubitschek cede à pressão dos monopólios yanques e envereda por uma política interna reacionária. Depois da arbitrariedade praticada contra a Liga de Emancipação Nacional, novos atentados foram executados contra a Federação das Mulheres do Brasil, a Associação Feminina do Distrito Federal, a União dos Favelados e a Escola do Povo.

**9** A cessão de Fernando de Noronha significa uma violação dos compromissos que o sr. Kubitschek assumiu com as forças patrióticas que o apoiaram nas eleições. Tendo-se comprometido em defender a soberania nacional, o sr. Kubitschek traíu agora os patriotas que nele votaram e com este ato, afasta-se de grandes massas.

**10** O governo do sr. Kubitschek realiza, com o acôrdo de Fernando de Noronha, não uma política externa de paz e amizade com todos os países, em defesa dos interesses próprios de nosso país, mas uma política de subordinação ao imperialismo dos Estados Unidos, de preparação para a guerra e de isolamento internacional do Brasil.

## 10 ARGUMENTOS

**5** A presença de forças armadas americanas em nosso país significa uma ameaça ao movimento patriótico e democrático e tem como objetivo garantir os interesses dos trustes que saqueiam nossas riquezas. Não é por acaso que, juntamente com a entrega de Fernando de Noronha começou uma nova ofensiva imperialista contra a Petrobrás e pela revisão da política dos minérios atômicos.

**7** O acôrdo para cessar da ilha aos Estados Unidos parca apenas o começo de uma vasta ofensiva dos imperialistas yanques, com o objetivo de transformar nosso país numa praça d'armas a seu serviço. Já foram anunciados novos entendimentos para a entrega das ilhas de Rocas e Trindade e a instalação de estações de «loran» desde o Ceará até Alagoas.

**8** Ao entregar Fernando de Noronha aos imperialistas norte-americanos, o governo do

## Amplas Forças Políticas Contra A Entrega de Fernando de Noronha

**DEP. FED. DAGOBERTO SALES, DO PSD:**

«Vejam, srs. Deputados, a tremenda unilateralidade desse ajuste, e a desvantagem e humilhação que nos impõe: de um lado o Brasil franqueia o seu território para instalação de dispositivos de defesa do território dos Estados Unidos, tornando-se com isto automaticamente beligerante caso sobrevenha a guerra, transferindo ao Congresso americano, por consequência, o poder soberano de decidir da guerra e da paz».

**DEP. FED. SEIXAS DÓRIA, DA UDN:**

«O fato concreto e indiscutível é que, doravante, não podemos mais manter uma posição de neutralidade se os americanos vierem a entrar numa guerra, seja ela qual for, justa ou injusta, de defesa ou de conquista. E passamos, conseqüentemente, a nos tornar um alvo potencial de bombas atômicas».

**DEP. FED. PE. ARRUDA CÂMARA, DO PDC:**

«A diplomacia anglo-saxônica, ou melhor, a diplomacia dos ingleses e americanos nas guerras passadas consistiu em fazer a guerra em territórios alheios. E' muito interessante deslocar o teatro dos acontecimentos para o coração de outros povos e é isto que se tem verificado».

**DEP. FED. CAMPOS VERGAL, DO PSP:**

«Amigo íntimo do dr. Ademar de Barros, se ele, como chefe do meu partido, determinasse para eu lutar

a favor da entrega de Fernando de Noronha, romperia com ele e lutaria, como estou lutando, contra a entrega dessa ilha a uma nação estrangeira».

**SENADOR LOURIVAL FONTES, DO PTB:**

«E' um aparelho de guerra, e quem o concede não pode arguir neutralidade ou não-beligerância. E' alternativa dos Estados Unidos para afugentar a guerra ou se cobrir da guerra no seu território. E' uma maneira de tirar a guerra das suas costas e lançá-la sobre os ombros dos outros».

**A COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL DO PSB:**

«Um ato de tão terríveis conseqüências não pode ser praticado pelo Presidente da República sem prévia aquiescência do Congresso, pois importa em dar àquele, sem licença deste, autoridade para entrar em guerra... O ato do governo da República, contra o qual o Partido Socialista se levanta, não tem fundamento jurídico, não tem fundamento político, não tem fundamento moral».

**O PRESIDUM DO COMITÊ CENTRAL DO PCB:**

«O ato do governo do sr. Juscelino Kubitschek, permitindo a ocupação da ilha de Fernando de Noronha por soldados norte-americanos e tornando-a base de uma potência estrangeira, constitui brutal violação da soberania nacional e grave ameaça para o povo brasileiro. A maioria da nação repele este ato antipatriótico do governo».

